UNIVERSIDADEDO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Educação – DEDC – Campus I
Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – Mestrado Profissional - GESTEC

ANA TEIXEIRA DUARTE

A FOTOGRAFIA DIGITAL E O ENSINO DE ARTE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: narrativas da festa popular do *02 de Julho* no município de Caetité/Bahia

Salvador- Ba
2018

ANA TEIXEIRA DUARTE

A FOTOGRAFIA DIGITAL E O ENSINO DE ARTE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: narrativas da festa popular do *02 de Julho* no município de Caetité/Bahia

Trabalho de Conclusão de Curso, sob o formato de Relatório de Pesquisa, apresentado ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC da Universidade do Estado da Bahia.

Área de Concentração: Gestão da Educação e Redes Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Salvador - Ba
2018

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

DUARTE, ANA TEIXEIRA.

A fotografiadigital e o ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: narrativas da festa popular do 02 de Julho no município de Caetité/Bahia.: Narrativas da festa popular do 02 de Julho nomunicípio de Caetité/Bahia / ANA TEIXEIRA DUARTE, ANA TEIXEIRA DUARTE.-- Salvador, 2018.

106.

Orientador: ROSÂNGELA DA LUZ MATOS

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação - GESTEC, 2018

1. Ensino de Arte. I. MATOS, ROSÂNGELA DA LUZ II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.

CDD: 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A FOTOGRAFIA DIGITAL E O ENSINO DE ARTE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: NARRATIVAS DA FESTA POPULAR DO 02 DE JULHO NO MUNICÍPIO DE CAETITÉ/BAHIA"

ANA TEIXEIRA DUARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação *(Scricto Sensu)* Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração I – Gestão da Educação e Redes Sociais, em 03 de setembro de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Prof.ª Dr.ª Rosângela da Luz Matos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Sociologia
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof.ª Dr.ª Josemeire Machado Dias
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.ª Dr.ª Patrícia Lessa Santos Costa
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.ª Dr.ª Sônia Regina da Luz Matos
Universidade de Caxias do Sul - UCS
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Paulo César Marques de Andrade Santos
Universidade de Pernambuco - UPE
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA

AGRADECIMENT0S

Agradeço a Deus, todo Poderoso, por ter me concedido o dom da vida e a bênção de ter tido a oportunidade de ampliar os meus conhecimentos. Os planos do Pai para minha vida são sempre maiores do que os meus sonhos.

Aos meus pais que souberam me educar para as coisas boas e positivas da vida e que sempre acreditaram em mim. Agradeço a dedicação de vocês e a paciência por acompanhar com serenidade cada etapa do curso, as ausências, as longas viagens. O apoio e o carinho nunca faltaram. Vocês são meu orgulho.

Às minhas irmãs, Luciana e Cristiana sempre presentes, ouvindo, apoiando, acompanhando, dando carinho e ajudando nessa caminhada.

As minhas tias Bia e Dé por sempre me incentivarem e acreditarem em mim.

Aos meus amigos e colegas de trabalho pela compreensão, força e incentivo.

À minha orientadora, Pró Rosângela, pela acolhida durante esse processo, por me acalmar e incentivar. Agradeço pela partilha de conhecimentos, por acreditar em mim e por proporcionar novas descobertas.

Aos meus colegas de caminhada, pelo carinho, apoio e amizade desprendidos. Apesar de estar longe de casa em muitos momentos, estive sempre acolhida.

Aos alunos do Centro Territorial de Educação Profissional por participarem e colaborarem na pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a realização do curso.

RESUMO

DUARTE, Ana Teixeira. *A fotografia digital e o ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: narrativas da festa popular do 02 de Julho no município de Caetité/Bahia*. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação.

A pesquisa intitulada *A fotografia digital e o ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: narrativas da festa popular do 02 de Julho no município de Caetité/Bahia* apresenta imagens fotográficas, vídeos e desenhos como resultados de uma pesquisa aplicada. O objeto de estudo dessa pesquisa constituiu na integração de dispositivos digitais nas práticas de ensino da disciplina de Arte por ocasião do festejo comemorativo do 02 de Julho, alusivo à Independência da Bahia. A atualidade vislumbra as potencialidades das tecnologias e a sociedade a qual vivemos está marcada pela presença das mesmas. Os estudantes participam desse processo de fazer circular nos meios educacionais esses dispositivos, como os celulares digitais, que se tornaram populares. A escola, sensível a essa realidade, necessita utilizar desse meio como ferramenta para o desenvolvimento da aprendizagem. Logo, essa pesquisa objetivou integrar os dispositivos digitais no ensino de Arte para criar narrativas fotográficas da festa do 02 de Julho de Caetité-BA. Participaram da mesma, os estudantes da 2ª série do curso técnico em Administração do ano de 2017, turno diurno. A fim de que esses dispositivos fossem inseridos na prática educacional foi proposto aos estudantes a experiência de produzir as imagens fotográficas. Logo, essa pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa, com estudos exploratórios e foi do tipo aplicada, cuja função consistiu em levar o estudante da disciplina de Arte a criar imagens fotográficas em dispositivos digitais, observando aspectos artísticos e construindo narrativas através da leitura de imagens. Como resultado, obteve-se imagens fotográficas, vídeos e leituras nas quais os estudantes apresentaram narrativas sobre os festejos dos 02 de Julho, comemorado no município.

Palavras-chave: Ensino Médio. Arte. Fotografias.

ABSTRACT

A research named Digital Photography and the teaching of Art in the Integrated High School; Narratives of the popular fest of July 2nd in the Municipality of Caetité / Bahia presents photograpic images, videos and designs as a result of an applied research. The object of study in the research has been constituted on integration of digital dispositives on the teaching practice of discipline Arts on the occasion of the celebration of 02 de Julho (July 2th), which is an allusive to the Independence of the State of Bahia. The current situation shows potential of the technologies and the society we live in that is marked by the presence of these ones. The students participate in this process to make present on the educational media of these devices, as digital cellphones, that have become popular. School, which is sensible to the reality, needs to use this means as a tool for the development of the knowledge. So, this research aimed to integrate the digital devices on the teaching of Arts to create photographic narratives on the celebration of July 2nd in Caetité/Bahia. The students who had participated in it were the ones of the 2nd Series on Administration Technical Course, on the year 2017, of the day shift. In order to these devices to be inserted in educational practice it was proposed to the students the experience of producing photographic images. Therefore, this research presented a qualitative approach, joined to exploratory studies and it was referred to the applied one, whose function consisted on leading the student of the discipline Arts to create photographic images in digigal devices. As a result, it was gotten photographical images, vídeos and reading in which the students present narratives about the festivities of July 2nd, celebrated in the Municipality.

Key-words: High School. Arts. Photographies.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE - Fundação da Educação Brasileira

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

BA - Bahia

CETEP - Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONEP – Comitê de Ética em Pesquisa

DBAE - Disciplina Based Art Education

EPI – Educação Profissional Integrada

INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PCN - Parâmetro Curricular Nacional

PCEM - Parâmetros Curriculares do Ensino Médio

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

WEB - sistema hipertextual que opera através da internet

WI-FI - Wireless Fidelity ou fidelidade sem fio

WWW - World Wilde Web

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01- Localização do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo em Caetité/Bahia..... 64

Imagem 02 – Fachada da Unidade de Ensino, CETEP de Caetité. A escola: Localização do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo em Caetité/Bahia..... 69

Imagem 03 – Indígenas baianos..... 74

Imagem 04 – Fanfarra Vermelha..... 75

Imagem 05 – Carros de boi..... 76

Imagem 06- Participação das Forças Armadas brasileiras..... 76

Imagem 07 – Baianas..... 77

Imagem 08 – Batalhão de Periquitos..... 78

Imagem 09 – Vaqueiros, tradição do sertão.....78

Imagem 10 – Ordem Demolay..... 79

Imagem 11 – O 02 de Julho e a participação do povo..... 80

Imagem 12 – Respeito à diversidade..... 80

Imagem 13 – Bandeiras, símbolos da independência e da cultura..... 81

Imagem 14 – A representação da Família Real 82

Imagem 15 – A luta pela liberdade na atualidade..... 82

Imagem 16 – Fanfara Azul..... 83

Imagem 17 – Joana Angélica, a força da mulher baiana..... 84

Imagens 18 – *Punctum*..... 87

Imagem 19 – Mulheres em um grupo de montaria..... 88

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **10**

1 O ENSINO DE ARTE NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO E CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS **17**

1.1 O ENSINO DE ARTE NO BRASIL: DA COLÔNIA ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XX 17

1.2 CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS RELACIONADAS AO ENSINO DE ARTE ... 22

1.3 TENDÊNCIAS CONTEMPORANEAS NO ENSINO DE ARTE 27

2 O ENSINO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONTEXTO E APRENDIZAGENS **31**

2.1 A SOCEDADE CONTEMPORÂNEA E OS NOVOS MODOS DE PENSAR E AGIR 31

2. 2 TECNOLOGIA: IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE E PARA A EDUCAÇÃO 35

3 TECNOLOGIA E ARTE: criação e recepção **39**

3.1 A ARTE E TECNOLOGIA DIGITAL: MOTIVAÇÃO PARA O PROCESSO CRIATIVO NA VIDA DO ESTUDANTE 39

3.2 OS PROCESSOS CRIATIVOS NA CONTEMPORANEIDADE 45

4 FOTOGRAFIA E ARTE: CAMINHOS CRUZADOS **48**

4.1 FOTOGRAFIA: HISTÓRIA, USOS, SENTIDO 48

4.2 A FOTOGRAFIA COMO MEIO PARA A CRIAÇÃO ARTÍSTICA: DO IMPRESSIONISMO À CONTEMPORANEIDADE 52

5 METODOLOGIA **58**

5. 1 ABORDAGEM 58

5. 2 DESENHO DE ESTUDO 61

5. 3 PROCEDIMENTOS DE EXECUÇÃO DA PESQUISA 62

5. 4 PARTICIPANTES DA PESQUISA 66

5.5 CAMPO EMPÍRICO 67

5. 6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA 70

5. 7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE 72

5. 8 RESULTADOS 86

5.8.1 Narrativas da festa popular do 02de Julho de Caetité/Bahia 86
5. 9 PRODUTO..... 88
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 90
REFERÊNCIAS 93
APÊNDICES..... 98
Apêndice 01 - Questionário para informantes da pesquisa 98
Apêndice 02 - Desenhos..... 100
Apêndice 03 - Fotografias 102
Apêndece 04 – Questionário sócio-demográfico para participantes da pesquisa..... 103

APRESENTAÇÃO

Este relatório apresenta o resultado da pesquisa *A fotografia digital e o ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: narrativas da festa popular do 02 de Julho no município de Caetité/Bahia* cujo tema foi o ensino da Arte na Educação Básica em diálogo com a necessidade de se buscar estratégias de inserção das tecnologias digitais no planejamento e no trabalho pedagógico da disciplina de Arte.

Significar o ensino-aprendizagem exige de professores e estudantes diálogo com o tempo presente, suas tecnologias e novas práticas de cultura que continuadamente vão se construindo. Como afirma Barbosa (1975, p. 93), "Um dos papéis da Arte é preparar para novos modos de percepção largamente introduzidos pela revolução tecnológica e da comunicação de massa".

A escola atual não é a mesma dos séculos passados, porque os estudantes não são os mesmos, assim também como o meio em que vivem. Esta é a era mediada pelas comunicações. Os estudantes dos primeiros anos do Ensino Médio estão numa faixa etária entre os 15 a 17 anos de idade, portanto podem ser considerados nativos digitais. Esses jovens vivem conectados e constroem suas experiências de comunicar-se, construir relacionamentos, trabalhar, ler e estudar mediadas pelos dispositivos digitais.

As transformações ocorridas na sociedade atual foram impulsionadas pelas tecnologias da comunicação e informação, as quais também modificaram a relação entre o ensinar e o aprender. A aprendizagem de informações e conceitos era realizada predominantemente na escola, onde os estudantes se matriculavam e permaneciam até se formarem. Estar formado indicava que se podia ingressar no mercado de trabalho ou exercer uma profissão. Na atualidade, a inserção no mercado de trabalho é sistematicamente associada a estar permanentemente aprendendo e a adaptando-se ao novo. Portanto, a noção de conectividade é um dos fundamentos para a construção de aprendizagens necessárias ao ingresso no mercado de trabalho.

A educação nesse novo contexto sociocultural deve ser repensada, vez que esses jovens são os estudantes do momento. Conforme Moran (2011), o papel do professor é, pois, refletir sobre sua prática, justamente porque ela se dá nesse meio. Ignorar a realidade social é alienar-se do seu tempo. Gerir o processo ensino-aprendizagem na atualidade exige do profissional de educação metodologias de ensino que visem situá-lo nesse momento e significar o uso das tecnologias digitais para a educação.

Segundo Moran (2011, p. 19), as instituições educacionais diante das mudanças que vem ocorrendo na sociedade, devem priorizar o envolvimento do estudante. Para isso, devem utilizar de metodologias ativas: “Nas metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais”.

Para o autor, é necessário que a educação seja relevante para estudantes e para a sociedade. Espera-se que os estudantes aprendam de forma a atingir os objetivos propostos pela sociedade e que a transmissão de conhecimento seja substituída pela construção de conhecimentos.

Moran (2011) preconiza que o professor deve assumir a função de levar o estudante a ser proativo e criativo, envolvendo-o em atividades e desafios associados ao uso das tecnologias digitais. Esses desafios exigem do professor planejamento, formação e acompanhamento. Mas para a efetivação dos desafios é necessário que o professor cumpra com a função mediar e articular atividades individuais e em grupo.

Segundo Kenski (2012), essas mudanças apresentam impactos em relação à prática docente, pois ao utilizar tecnologias para o processo de ensinar é necessária uma nova percepção em relação à postura do professor. Este não é mais o detentor do saber, mas o parceiro que orienta o educando para que se construa o conhecimento. Conforme o autor, (KENSKI, 2012, p. 90) “o professor é um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais”.

Esses debates referem que os estudantes devem passar de educando passivo para educando ativo. Ser ativo significa envolver-se em atividades, tais como: pesquisas, práticas narrativas, entrevistas, jogos e projetos variados. Nestes é importante que o estudante participe de cada etapa e que se faça divulgação dos resultados, seja através de meios digitais ou outros. Os meios tecnológicos digitais servirão como pesquisa, confecção de materiais, divulgação, registro.

Segundo Moran (2011), os modelos de escolas inovadoras exigirão mudanças em relação à organização escolar. São mudanças que envolvem desde a parte física da instituição, metodologia e organização curricular. Apesar de muitas instituições não aderirem totalmente a esse processo, isto não inviabiliza a ação de um professor que integra na sua prática docente essas novas ideias em relação às metodologias ativas.

Isto é o que se deu na minha experiência como docente. Entre os anos de 2013 e 2014, desenvolvi um projeto na Instituição de Ensino onde atuo, o CETEP - Caetité. Esse projeto, intitulado Caravana do CETEP, fez parte de uma ação maior da escola que consistiu em sair das salas para colocar em prática as aprendizagens teóricas desenvolvidas nas aulas. Essa

prática motivou-me a prosseguir nos estudos, ingressar no Mestrado, e contribuiu para que elaborasse um artigo que foi socializado no XIV Congresso Internacional de Tecnologia na Educação em Recife – PE, em 2016, nas modalidades apresentação oral e escrita com o título *Trilhando os caminhos do sertão: a fotografia no ensino de Arte na Educação Básica.*

Noutros momentos da experiência docente foi possível desenvolver projetos na área de Artes envolvendo o uso de recursos tecnológicos disponibilizadas pela escola, entre esses: xérox, câmara fotográfica e impressora. O objetivo desse trabalho foi o de questionar a sociedade de consumo atual comparada à da década de 1960. Estudou-se a *Pop Art*, movimento americano em que artistas usavam, sobretudo, os meios de comunicação televisiva e impressa para veicular imagens que criticavam a difusão do consumo em massa da sociedade industrial, como também faziam uma crítica à arte e seu sistema.

Nesta experiência foram realizadas diversas atividades, entre elas: conversa mediada sobre a *Pop Art*, pesquisas, exibição de vídeos, recortes de produtos de consumo atual, montagem utilizando xérox, uso de máquinas para registro e impressão do material. Como resultado os estudantes desenvolveram imagens com fundo colorido, colagens de produtos de consumo, conforme propôs esse movimento. Essas atividades foram realizadas em grupos e socializadas na escola.

Conceitos desenvolvidos por Pierre Levy (1999), (2002), (2003), Anne Cauquelin (2005) Ana Mae Barbosa (2005), (2010), (2014), José Manuel Moran (2011), Diana Domingues (1999) apontam-nos uma relação entre a cultura proveniente dos meios digitais e o saber. Para esses autores há possibilidades de aprendizagem através de leituras, pesquisas na Web, assim como a construção de conhecimento. Não significa a mudança total de metodologia, mas perceber as mudanças sociais e utilizá-las como apoio.

O ensino da disciplina de Arte necessita dessas reflexões que o meio sociocultural nos impõe, devendo ser um trabalho coletivo, interdisciplinar, envolvendo metodologias que utilizem tecnologias digitais e leve o aluno a refletir sobre a importância do processo de criação ao longo da história da humanidade. Como afirma Barbosa (2010, p. 02): “A arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador”

Além da integração entre o fazer artístico, a leitura da obra de arte e sua contextualização histórica, social, antropológica e ou estética, no ensino de Arte tem-se um compromisso com a cultura, pois essa não deve ser desvinculada da vida do estudante e deve ser desenvolvida a fim de promovê-lo como cidadão pleno.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à alfabetização visual. É necessário que esta seja parte do processo de escolarização, já que se vive envolvido por um mundo de imagens, sejam propagandas, pinturas, fotografias ou imagens virtuais, e necessita-se fazer leituras das mensagens veiculadas através dessas Imagens.

Aliado à leitura visual está a criatividade. Desde a antiguidade, os povos necessitaram da mesma, ora para modificar a realidade e garantir a sobrevivência, ora para criar algo diferente do modelo já existente. A criação não se manteve estanque, gerou significados ao longo dos tempos porque as pessoas foram utilizando e usufruindo desses novos produtos e ideias.

A criação é uma necessidade do ser humano. Como afirma Ostrower (1977, p. 09): ¨Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. É do mesmo modo necessário". Como se vê, o ato de criar não pode ser dissociado do ato de viver, pois a natureza criativa do homem ocorre numa realidade em que o mesmo vive.

As Unidades de Ensino registram a presença de tecnologias digitais variadas. Assim também, estudantes e docentes são portadores de recursos tecnológicos que podem favorecer o ensino-aprendizagem se forem integrados ao currículo em desenvolvimento. Este é o caso dos celulares, tabletes e computadores digitais. Os usos que se faz das tecnologias permite estabelecer novos significados para a prática pedagógica e para o desenvolvimento do currículo.

A sociedade vigente é mediada pela informação e comunicação (Moran, 2008) e as pessoas vivem num meio onde é possível perceber a interconexão. A conectividade vem mudando a vida, principalmente a dos jovens que nasceram após a década de 90 do século XX. Através da mediação da tecnologia é possível trabalhar, estudar, divertir e conhecer pessoas, porque os aparelhos tecnológicos digitais estão acessíveis a muitos. Os estudantes estão nesse contexto e também usufruem desses meios. Logo, esses recursos tornam-se favoráveis à aprendizagem.

Segundo Levy (1999), as pessoas vivem conectadas em rede, regidas pelas mídias que favorecem trocas de informações, formando um todo envolvente, gerando uma cultura própria desse meio. Aliada à cultura decorrente dos meios digitais é necessário que as pessoas, principalmente os jovens, identifiquem, reconheçam e valorizem a cultura local, de seu território e de sua região, construindo a sua identidade enquanto pertencente aquele meio.

O professor é o profissional responsável em inserir e aliar os dispositivos tecnológicos à aprendizagem. No caso dessa pesquisa, o uso desses recursos tecnológicos digitais, como

celulares, tabletes e computadores digitais deve integrar a disciplina de Arte a fim construir conhecimentos. Nessa pesquisa, a fotografia foi utilizada com essa finalidade.

A fotografia não é invenção de uma única pessoa, pois muitos pesquisadores trabalharam para esse desenvolvimento. Segundo Benjamin (1987), sempre foi um sonho das pessoas fixar a imagem através da câmera escura, mas isso só ocorreu no século XIX, especificamente em 1826. Apesar de ser uma invenção nova na história da humanidade, a fotografia passou por várias fases e hoje se tornou popular porque as tecnologias permitiram essa acessibilidade.

A fotografia apresenta uma importância ímpar para as pessoas, pois congela para sempre determinadas cenas que nunca mais se repetirão. Como nos afirma Barthes (1980, p. 13), ”o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanismos que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Essa informação faz da fotografia algo tão envolvente para todos, principalmente os jovens que nasceram nos anos finais do século XX e início do século XXI, possuem celulares digitais e vivem conectados.

A pesquisa *A fotografia digital e o ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: narrativas da festa popular do 02 de Julho no município de Caetité/Bahia* apresentou como objetivo integrar os dispositivos digitais no ensino de Arte para criação de narrativas fotográficas da festa do 02 de Julho. Essa prática deu-se através de uma pesquisa aplicada onde os estudantes através de uma mediação da aprendizagem, puderam experienciar a realização de fotografias de uma festa popular que comemora a Independência da Bahia.

A pesquisa ocorreu no Centro Territorial de Educação Profissional – CETEP de Caetité/Bahia. A referida escola, CETEP, oferece educação profissional na modalidade integrada. Os participantes da pesquisa foram os estudantes da 2ª série do curso de Administração que aderiram ao projeto. Conforme dados fornecidos pelo CETEP do Sertão Produtivo, os estudantes são em maioria femininos, com faixa etária entre os 16 e 17 anos.

A pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa, onde pretendeu-se problematizar para que se integrasse os dispositivos digitais no ensino de Arte. A fim de que esse problema fosse amenizado e a aprendizagem se tornasse significativa foi necessário utilizar uma pesquisa do tipo aplicada, cuja função consistiu em gerar conhecimento para aplicar na prática. Portanto, foram desenvolvidas ações através das quais se construíssem narrativas fotográficas de imagens relacionadas à festa do 02 de julho de Caetité/Bahia.

Os processos de execução da pesquisa ocorreram a partir de julho de 2017 e foram organizadas em momentos, como: sensibilização, formação, produção, manipulação e organização, socialização. A pesquisa foi apresentada ao corpo diretivo, pedagógico e

estudantil para que houvesse a adesão dos mesmos. Em seguida deu-se a parte formativa com palestra e oficina. O conhecimento adquirido na oficina foi colocado em prática na manhã do dia 02 de Julho.

Munidos de celulares digitais os estudantes foram para as ruas e praças e realizaram as fotografias. As imagens realizadas pelos estudantes foram manipuladas pelos mesmos, realizando recortes, intensidade de brilho e cor. Após a organização das imagens, os estudantes, em equipe, produziram cinco vídeos de curta duração. Os vídeos foram socializados na e fora da escola. Da totalidade de imagens, 15 foram escolhidas para impressão e para leitura pelos estudantes de outras classes. Finalizando, houve a exposição de fotos na escola.

Noutro momento da pesquisa, os estudantes puderam experenciar o processo criativo utilizando dispositivo digital. Sendo assim, os mesmos puderam criar desenhos no computador usando software de desenhos. Nesse processo de criação os desenhos foram de temas livres, mas os estudantes utilizaram elementos da composição visual.

A pesquisa é motivada pela busca do conhecimento, ainda mais considerando a relação da mesma com a educação é que se observa o quanto é importante para a comunidade acadêmica. Meksenas (2002) e Villaça (2010) apresentam-nos que a pesquisa possibilita a produção de conhecimento para a formação do professor, pois será através da mesma que haverá mediação e interação envolvendo o sujeito do ensino ao sujeito da aprendizagem.

Sendo assim, a pesquisa possibilitou o desenvolvimento de conhecimento pelos discentes envolvidos nas atividades. Além do mais trouxe a oportunidade de multiplicar esses conhecimentos em seus espaços de estudos, em suas famílias ou comunidades em que vivem.

Esse foi mais um desafio para mim, visto que a realidade atual dos estudantes e da disciplina de Arte clama por novas formas de se trabalhar em sala integrando os novos dispositivos na prática de conhecimento. Não se pretendeu com essa pesquisa solucionar uma questão, mas apontar caminhos.

O presente relatório encontra-se organizado em seções:

A primeira seção “A história e o ensino da Arte”, traz uma reflexão sobre o ensino de Arte no Brasil e será analisado seguindo a denominação dada à disciplina, os períodos históricos de como se deu o ensino, as concepções pedagógicas, legislações e ensino na atualidade, sobretudo porque o ensino não é descontextualizado assim também como as pessoas que vivem em sociedade e recebem influências da mesma.

Na segunda seção, “A tecnologia e o ensino”, apresenta a ruptura entre a sociedade moderna e o surgimento de uma sociedade baseada no consumo e na informação. No texto há

a origem do termo tecnologia, os conceitos teóricos surgidos a partir dessas novas descobertas e a relação entre a presença da tecnologia na vida dos estudantes e a possibilidade de integração nos processos educacionais.

A terceira seção traz uma reflexão sobre a importância do processo de criação na vida do estudante. As motivações para a criação estão na percepção, na sensibilidade e na imaginação. O texto discute o papel da criação na formação do estudante no meio cultural e na construção da identidade e o processo de criação na Arte a partir do século XX.

A quarta seção apresenta uma breve história da fotografia, desde a sua invenção até a atualidade. Nesse texto serão abordados as funções e os sentidos da fotografia ao longo dos anos, bem como a relação dessas imagens com a contemporaneidade e com a criação artística.

A última seção apresenta os caminhos percorridos pela pesquisa, como: Abordagem, Desenho de estudo, Procedimentos de execução da pesquisa, Participantes da pesquisa, Campo empírico, Aspectos éticos da pesquisa, Procedimentos de análise e Produto. Finalizando essa seção apresentaremos os resultados da pesquisa que foram as narrativas da festa popular do 02 de Julho em Caetité/Bahia e o produto da pesquisa: fotografias, vídeos de curta duração e desenhos.

A pesquisa possibilitou o desenvolvimento de conhecimento pelos discentes envolvidos nas aprendizagens, podendo ser multiplicadores em seus espaços de estudos, em suas famílias ou comunidades em que vivem das aprendizagens adquiridas nas aulas. Essa possibilidade torna-se um valor social.

Entretanto, a pesquisa apresentou relevância significativa para a minha prática pedagógica, pois houve como prioridade o envolvimento do estudante com a prática, proporcionando valor significativo aos recursos tecnológicos.

Os estudantes, através dessa pesquisa, envolveram-se com atividades diferenciadas do seu cotidiano de sala de aula, que foi a prática das fotografias em ambiente externo à escola, o festejo do 02 de Julho. A pesquisa oportunizou o estudante a utilizar o celular com finalidade pedagógica. Essa modalidade serviu como uma experiência que poderá ser utilizada, futuramente, por mim ou outro profissional da área.

1 O ENSINO DE ARTE NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO E CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS

O ensino de Arte no Brasil será analisado sob os enfoques histórico e metodológico. Em relação ao percurso histórico haverá exposição sobre o ensino de Arte desde a Colônia até o século XX. No tocante aos aspectos metodológicos, serão apresentadas as tendências que influenciaram e influenciam o ensino da Arte.

Os fatos e acontecimentos não são apresentados de modo isolado, mas numa sucessão de ideias e experiências de ensino que foram ocorrendo nesses espaços de tempo, às vezes, de modo simultâneo ou contínuo até a atualidade.

A formação do estudante e professores de Arte seguiu algumas tendências pelas quais necessitam ser compreendidas para que se perceba o ensino na atualidade. Estudos como os de Barbosa (2010/14), Ferraz & Fusari (1992; 2002) e Duarte Jr (1991) nos levam a falar sobre as tendências tradicional, Escola Nova, Tecnicista e Tendências atuais.

Para Barbosa (2014), essas tendências mediaram o ensino de Arte, podendo encontrar modelos individualizados ou mesclados. A autora nos fala sobre as concepções de Arte como saber, expressão, linguagem e sistema cultural.

1.1 O ENSINO DE ARTE NO BRASIL: DA COLÔNIA ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XX

Em relação ao ensino de Arte no Brasil, esse será desenvolvido de acordo com os períodos históricos: Colônia, Império e República.

Conforme Barbosa (2014), o ensino brasileiro da Colônia era jesuítico. Essa congregação se instalou por volta de 1549, com a chegada do primeiro governo geral, Tomé de Souza, e permaneceu no Brasil até serem expulsos pelo Marquês de Pombal, em 1759, por questões políticas. Os jesuítas, influenciados pelos ideais de Platão, separavam as artes liberais dos ofícios manuais, valorizando o ensino de literatura e a retórica. Sendo assim, no Brasil, o ensino jesuítico sobressaiu-se no curso de Letras Humanas. Esse referido curso era composto pela Gramática, Retórica e Humanidades e Currículo das Artes Literárias. Embora as atividades manuais não existissem nas escolas de homens livres, eram utilizadas nas missões indígenas e no treinamento de escravos como troca ou pagamento pelo consumo.

Segundo Barbosa (2014), no período colonial, a arte brasileira diferenciava-se dos modelos portugueses em relação ao prestígio e à valoração. Os artistas brasileiros eram humildes, populares, mestiços e vistos como artesãos, por isso não contavam com os mesmos

prestígios que os colegas europeus. A valoração era dada pela classe dominante, observando a forma de exercê-las. As atividades literárias obtinham valor maior que aquelas que envolviam atividades manuais como as artes plásticas.

Nesse período, sobressaiu o Barroco, associado à igreja Católica. Esse estilo que se destacou por representar cenas em movimento, drama, ação, rebuscamento, acentuação do claro escuro, luzes e sombras, linhas curvas e formas sinuosas. O movimento, no Brasil, foi orientado e definido pelas missões jesuíticas. Essas missões fundavam e mantinham as oficinas, cujos participantes eram os habitantes locais: indígenas e mestiços. Assim, muitos trabalhos apresentavam características locais.

No interior do Brasil, o estilo Barroco encontrou terra fértil para se propagar e diferenciava-se do modelo europeu, sobretudo, no estilo arquitetônico pela presença de características mestiças, pelo uso de materiais locais, como a pedra-sabão e mão de obra diversificada. Assim, o ensino de Arte esteve baseado nas oficinas dos artesãos medievais. Os artistas que desenvolviam essas atividades eram homens do povo, logo não eram reconhecidos, simplesmente denominados por artesãos anônimos.

O século XIX chegou trazendo novidades da Europa para a Colônia. As transformações políticas, sociais e culturais ocorridas na Europa, como Revolução Francesa e Iluminismo, repercutiram por meio dos artistas da época e chegaram ao Brasil com os viajantes, os franceses contratados e com a transferência da Corte Portuguesa.

Dom João VI transfere-se para cá em 1808 e, assim que chegou, favoreceu a fundação de escolas superiores, escolas militares e cursos médicos. É nesse período, precisamente 1816, que é criada, por decreto, a escola de Belas Artes do Brasil. O objetivo dessa escola era organizar um sistema de ensino de arte no Brasil e instituir uma arte oficial.

A Academia de Belas Artes, após fundação, passou por várias denominações e decretos porque variavam de acordo com os objetivos a que eram propostos, além de oposições entre as ideias defendidas pelos artistas convidados e os dirigentes brasileiros da época. Enquanto os portugueses que estavam por aqui, por questões políticas, repudiavam o governo napoleônico, os franceses eram admiradores desse estadista. Conforme Barbosa (2014 p. 18), “[...], a oposição política foi uma das influências na configuração do preconceito contra o ensino da arte no Brasil. Acrescente-se a ele o despeito dos portugueses que não tinham ainda uma academia de arte de tão alto nível quanto a projetada por Lebreton para o Brasil”.

Conforme Barbosa (2014), antes da chegada de Dom João VI e da Academia de Belas Artes, houve aulas de Geometria em São Paulo. Os candidatos eram convidados por meio de

editais, porém a forma de conduzir os trabalhos não despertava interesse nas pessoas, uma vez que era um ensino obrigatório e não opcional.

O ensino do desenho, nesse período que antecede a fundação da Academia, percorreu algumas fases. Em 1800, foi incluído no currículo exatamente no Seminário Episcopal de Olinda. Como nos apresenta Barbosa (2014), nesse mesmo ano, houve a criação de aula Régia de desenho no Rio de Janeiro tendo como instrutor Manuel Dias de Oliveira, que introduziu o modelo vivo para ser desenhado; embora o resultado fosse um desenho idealizado do modelo observado. Em 1817 e 1818, foram criados cursos de Desenho Técnico no Rio, Vila Rica e Bahia, embora não tivesse alcançado sucesso em decorrência de encontrar uma sociedade escravocrata e a ausência de indústrias.

Os princípios empregados pelo artista da Academia de Artes estavam baseados no Neoclássico, estilo que resgata os princípios da antiguidade grega, como harmonia, equilíbrio e simplificação das formas. Esse estilo causou estranheza aos brasileiros que estavam acostumados com a emotividade do Barroco. Enquanto o Barroco era praticado pelas classes populares, o Neoclássico tinha como público a pequena burguesia. Na França, o Neoclássico esteve a favor da aristocracia enquanto, aqui no Brasil, serviu para a monarquia difundir seus ideais. Como afirma Barbosa (2014, p. 29), “A permanência dos velhos métodos e de uma linguagem sofisticada continuou mantendo o povo afastado, tornando a inclusão da formação do artífice junto ao artista uma espécie de concessão da elite à classe obreira”.

As ideias desenvolvidas na Academia de Belas Artes no final do século XIX permaneceram até os vinte primeiros anos do século XX. Essas primeiras décadas foram um prolongamento ideológico desse período. Assim, o desenho foi o elemento principal no ensino artístico na pedagogia neoclássica e influenciou o ensino primário e secundário.

Entretanto, o ensino brasileiro, no século XIX, além das ideias apresentadas pela Escola de Belas Artes, recebeu influências de movimentos e filosofias norte-americanas e europeias. Essas mudanças atingiram toda a sociedade. Vieram dos Estados Unidos da América, por meio de movimentos sociais e culturais, os movimentos do Romantismo Alemão e Progresso da Revolução Industrial. Para Barbosa (2014), o movimento Romantismo Alemão pregava que a contemplação de beleza contribuía para elevação da alma.

O currículo desenvolvido por esse movimento mencionava a valorização de virtudes como trabalho assíduo, patriotismo, lealdade. Nesse sentido, houve a introdução de disciplinas como História da Arte e Apreciação Artística com a finalidade de desenvolver princípios morais de valorização da Arte para que a elite pudesse apreciar obras de arte como também colecionar. Além disso, os avanços da Revolução Industrial favoreceram a formação

de desenhistas a fim de atender a demanda da indústria têxtil e fazer com que os Estados Unidos da América se tornassem competitivo com a França e Grã-Bretanha.

O ensino de desenho em países europeus, como França e Inglaterra, sofreu influências de ideias liberais e positivistas. Na prática, essas ideias foram utilizadas para a formação dos operários e para a consequente criação das escolas de desenhos. Saunders (1986) confirma que, na mesma época, nos Estados Unidos da América, os estudantes da classe média e média alta aprendiam, em escolas particulares, a reproduzir obras de artistas famosos. O objetivo era detectar falhas ao adquirir obras artísticas, distinguir entre obras originais e falsificadas. Entretanto, os estudantes da classe baixa frequentavam escolas públicas e aprendiam desenho geométrico e linear para ser utilizado na fábrica.

Aqui, no Brasil, não foi diferente em relação ao uso do desenho. Ferraz & Fusari (2002) afirmam que o ensino do desenho está relacionado à industrialização do país e direcionado ao preparo técnico do indivíduo para o trabalho, tanto na fábrica como no serviço artesanal. Conforme Barbosa (2014), em 1878, José Carlos Rodrigues, jornalista, traz publicação cuja obrigatoriedade do desenho nas escolas se fazia necessário. Todavia, o desenho era visto como forma de escrita e não de arte.

A utilização do desenho como arte da palavra foi defendida por nomes importantes como André Rebouças, Mário de Andrade, Abílio Cesar Pereira Borges, o Barão de Macaúbas. Esse último, educador, fundador do Ginásio Baiano e de outros colégios quando da ocupação do cargo de diretor do ensino da província da Bahia, propunha a obrigação do ensino de desenho nas escolas públicas, inclusive vilas e aldeias. Apoiado nas ideias importadas dos Estados Unidos da América e na importância dada ao ensino do desenho, repercutiu no ensino da Arte na escola e serviu como reforma para o ensino primário e secundário no Brasil.

As ideias liberais defendidas pelo inglês Spencer repercutiram no ensino da Arte, sobretudo porque utilizava o desenho para o início da profissionalização, contextualizadas na Revolução Industrial e na crescente expansão industrial. O ensino adaptado à indústria contribuiria para o desenvolvimento do trabalho e, consequentemente, era prosperidade para o país. Assim, defendiam personalidades da época como Rui Barbosa.

Conforme Barbosa (2014), Rui Barbosa, inspirado nos estudos de Walter Smith, procurou defender essas teorias liberais no início do século XX no Brasil. Esse estadista acreditava que sua função seria enriquecer o país e, para isso, deveria ser implantado o desenho no ensino secundário. Assim, o ensino do desenho passou a constar em todos os anos do ensino secundário. Primeiro, foi implantado no Colégio Pedro II e foi seguido por outras

escolas do Brasil: Liceus de Arte e Ofícios e escolas de Arte industrial. O ensino primário contou com o 1º Manual de Desenho Geométrico escrito por Abílio César Pereira Borges em 41 edições, utilizadas até a metade do século XX.

Rui Barbosa, partidário das ideias liberais, defendeu influência romântica no ensino do desenho: a natureza como meio para a educação dos sentimentos. George Grimm, pintor da academia de belas Artes, desenvolveu essa metodologia e utilizava o espaço ao ar livre para realizar a atividade com os alunos. Os educandos deveriam captar a beleza da natureza e passar para as telas.

A proclamação do novo regime republicano, em 1889, trouxe mudanças e reformas militares, políticas e religiosas na sociedade brasileira (Barbosa, 2014). Essas mudanças estavam relacionadas à corrente positivista desenvolvida na Europa e trazida ao Brasil pelos jovens estudantes que retornavam do exterior. As ideias contidas nessa corrente influenciaram disciplinas como Filosofia e Matemática e houve como representante aqui no Brasil Benjamim Constant.

Como ministro, Benjamim Constant organizou a 1ª Reforma Educacional Republicana em 1890, abrangendo todas as instituições educacionais. Nesse momento, houve reorganização da escola Normal e do Colégio Pedro II que passaram a ser Ginásio Nacional. O currículo do Ginásio Nacional focava especialmente na geometria. Não se tratava de desenho geométrico, mas desenho ornamental, influência da Escola de Belas Artes. Conforme Barbosa (2014), nesse sentido, houve um distanciamento entre arte e indústria, sobressaindo desenhos ornamentais que influenciaram a arquitetura da época, realizado sobretudo a partir da observação da realidade.

Na reforma apresentada por Benjamim Constant, deveria constar currículo formativo embora o desenho geométrico não fizesse parte dos programas de desenho. Como se observa, o ensino de Arte distanciava-se das ideias defendidos pelo cientificismo de Conte. Conforme reflexão apresentada, os princípios do liberalismo e do positivismo influenciaram na educação escolar nas escolas brasileiras em todo o século XX.

Ao referir ao Ensino de Arte a partir do Modernismo, deve-se considerar a realização da Semana de Arte Moderna. Esse evento ocorreu em São Paulo, no ano de 1922, e contou com exposições de pintura e escultura, conferências, apresentações literárias e festivais de música. Houve aplausos, mas também reprovações pelos conservadores. A semana foi um evento planejado e contou com várias ações anteriores ao ano de 1922. Em 1913 e 1917 houve exposições de Lasar Segall e Anita Malfatti, respectivamente. Essas obras marcaram e escandalizaram o público porque rompiam com os princípios da arte clássica.

O ensino da arte na Primeira República, primeiros trinta anos do século XX, continuava sendo usada como distinção entre as pessoas: arte para elite e arte popular. Também, apresentava sentido utilitário: desenho aplicado à indústria, arte mecânica. O desenho era considerado a linguagem da indústria e supervalorizado no ensino fundamental e técnico, com o dobro das aulas das demais disciplinas.

O ensino de Arte, na Segunda República, especificamente século XX, vai de 1930 até atualidade. Em 1930, chegam novas ideias à administração da Capital Federal (o Rio de janeiro, na época) e irradiam por todo o pensamento educacional brasileiro. Na década de 40, artistas influenciados pelo movimento modernista de 22 disseminaram a ideia de livre expressão nas escolas. Nos anos 70, surge a pedagogia tecnicista, juntamente com a legislação da época e, nos anos 80, novos pensamentos, novos princípios e nova legislação.

1.2 CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS RELACIONADAS AO ENSINO DE ARTE

As concepções pedagógicas relacionadas ao ensino da Arte são: Tradicional, Escola Nova, Tecnicista e Teorias Progressistas.

A tendência Tradicional inicia-se no Brasil com a Academia de Belas Artes no século XIX, percorre o século XX e prossegue até a atualidade. De modo geral, nessa concepção, o professor é a figura central, o detentor do saber. O conhecimento se dá pela memorização e o estudante aprende por meio de repetições. No ensino de Arte, o saber instituído é repassado, sobretudo por meio de modelos a serem seguidos a partir da Academia de Belas Artes do Brasil. Segundo Barbosa (2012), esse modelo “é associado ao padrão de beleza neoclássico e se fundamenta na historiografia da Arte construída desde o Renascimento”.

O movimento da Escola Nova, também denominado de Escola Ativa ou Progressista, surgiu no fim do século XIX na Europa, mas ganhou destaque no Brasil a partir de 1930, após o manifesto Escola Nova de 1932. Essa tendência pretendia renovar o ensino formal e universalizar a escola pública e gratuita. Conforme Ferraz & Fusari (2002), é uma concepção metodológica a partir da qual o ensino está centrado no aluno e a Arte é utilizada para liberar as emoções, desenvolver a criatividade e a experimentação. O aluno recebe estímulos a fim de expressar-se criticamente, pois, para ser criativo, precisa conhecer-se a si mesmo.

A função da educação na Escola Nova é melhorar as relações das pessoas na sociedade, por isso necessita adaptar os estudantes ao ambiente social. Para que essas finalidades se tornassem reais, segundo Ferraz & Fusari (2002), necessitava-se que as experiências cognitivas pudessem ocorrer de maneira progressiva, ativa, considerando

interesses, motivações, iniciativas e necessidades individuais do aluno. Esse movimento aproximava-se da pedagogia, psicologia e recebia influências de pensadores como: John Dewey, Herbert Read e Jean Piaget.

Na Escola Nova, o processo de ensino e aprendizagem inicia-se a partir da pesquisa individual ou em pequenos grupos. Os assuntos devem partir do interesse do aluno para culminar na experiência cognitiva de aprender a partir da realização concreta, ou seja, inicia-se por uma atividade que suscita problema, levantam-se os dados, formulam-se hipóteses e desenvolve experimentação a fim de confirmar ou refutar hipóteses. É um trabalho conjunto entre professor e aluno, reafirmando que os conhecimentos teóricos acumulados pela humanidade não deveriam ser repassados.

O contexto das décadas de 30 e 40 fez com que o Movimento Escola Nova encontrasse o país passando por uma crise na economia entre o modelo agrário-exportador e o modelo desenvolvimentista industrial. Nesse âmbito, há vários movimentos em prol da educação. Entre eles estão a Fundação da Educação Brasileira (ABE), em 1924, e Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932.

Segundo Ferraz & Fusari (2002), faziam parte dos Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, Fernando de Azevedo Peixoto, Antônio Ferreira de Almeida Júnior, Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Lourenço Filho, Antônio Sampaio Dória e Pascoal Leme, entre outros.

Os autores John Dewey, americano, e o inglês Herbert Read vão influenciar o trabalho dos professores de Arte no Brasil. Ferraz & Fusari (2002, p.38), sintetizam as ideias defendidas por Head em relação à educação, ao afirmarem que “A base da educação assim como a da democracia, deve residir na liberdade individual, com todas as suas diferenças, buscando uma integração do individualismo com sua função na sociedade”.

Aqui, no Brasil, Augusto Rodrigues divulgou as ideias de Herbert Read ao criar a Escolinha de Arte do Brasil em 1948. O objetivo da Escolinha foi atender ao público infantil. Essa escola funcionava nas dependências da Biblioteca Castro Alves, do Instituto de Previdência e Assistência Social, no Rio de Janeiro, e apresentava como fundamento a inclusão de elementos da arte popular e do folclore em diálogo com as diferentes modalidades artísticas. A Escolinha de Arte obteve apoio de Anísio Teixeira e Helena Antipoff. Esse movimento influenciou o ensino das Artes e a formação de professores.

> O movimento das Escolinhas de Arte estava difundido por todo o país com 32 “escolinhas”, a maioria delas particulares, oferecendo cursos de arte para

> crianças e adolescentes e cursos de arte/educação para professores e artistas. (BARBOSA, 2014, p. 10, grifos da autora)

O aluno, com essa concepção, poderia expressar-se de forma subjetiva e individual nas aulas de Arte, por meio de trabalhos manuais, ilustração, música e canto orfeônico. A Escola Nova sofreria, então, crítica dos estudiosos por não considerar o contexto sociocultural do aluno e os conhecimentos produzidos ao longo dos tempos.

Muitas denominações foram dadas ao ensino de arte a partir do enfoque proposto por cada uma das fases. Na década de 40, sob a influência da Escola Nova, o ensino de Arte foi denominado de Educação por meio da Arte. "Uma educação que permitiu uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós" (DUARTE, 1991, p.12). Na prática da livre expressão, o estudante poderia expressar-se livremente utilizando de diversos materiais.

A pedagogia tecnicista estabeleceu-se sob o contexto da ditadura militar no Brasil entre os anos de 1964 até 1985. A função do ensino era atender o mercado tecnológico em expansão e incorporar novas tecnologias no currículo. Por meio dessa concepção mecanicista, a escola deveria ser diferente a fim de que os planos de curso e de aula promovessem uma mudança no comportamento dos alunos e pudessem desenvolver objetivos comportamentais.

Para tanto, a escola deveria ser eficiente e os elementos curriculares (objetivos, conteúdos, estratégias técnicas e a avaliação) deveriam ser interligados a fim de cumprir os objetivos previstos para atender a sociedade industrial. Há, nesse contexto, a promulgação da a Lei 5.692/71- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC/INEP).

Por meio dessa lei, o ensino de Arte não era uma disciplina, mas uma atividade educativa, um componente curricular obrigatório que passou a ser denominado Educação Artística, proveniente do termo em inglês – *art education*.

O objetivo da Arte era humanizar o currículo. Segundo Barbosa (2010), essa Lei propôs uma educação que objetivava profissionalizar a criança desde a 7ª série e concluir esse processo no 2º grau - denominação dada ao Ensino Médio na época - a fim de fornecer mão-de-obra para as empresas multinacionais que se instalaram no Brasil nesse período.

Com essa lei, o ensino de Arte não exigia notas, visto que não era disciplina, mas uma atividade educativa. Sendo assim, o professor tinha uma função polivalente, sobretudo porque deveria trabalhar com diversas modalidades, como Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas envolvendo Teatro e Dança. Segundo a Lei, poderiam ser abordados conteúdos de música, teatro, dança e artes plásticas no 1º e 2º graus e ministrada por um único professor.

“Não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem conteúdo fixo, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses” (BRASIL,1998, p.24).

Apesar do caráter formativo concedido ao ensino da Arte, essa não se realizava de fato porque as condições atribuídas ao ensino estavam ligadas ao plano burocrático, faltando desde a formação adequada de professores até espaços apropriados e materiais. Segundo Duarte (1991), Arte passa a ser uma disciplina a mais dentro do currículo, com pequena carga horaria semanal, e é vista como forma de lazer diante das disciplinas tidas como “sérias”.

Sob o regime ditatorial, a lei foi promulgada e vigorou por duas décadas. O ensino de Arte cumpriu o objetivo de iniciar a profissionalização dos jovens e a única disciplina que dava abertura ao pensamento crítico e à criatividade, justamente porque História e Filosofia não estavam nos currículos. Assim, afirma Barbosa (2010. p. 09) que “No currículo estabelecido em 1971, as artes eram aparentemente a única matéria que poderia mostrar abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, porque mesmo filosofia e história foram eliminadas do currículo”.

Essa lei apresentou alguns problemas para o ensino de Arte, pois havia a ausência de conhecimentos teóricos, professor qualificado e metodologias, sobretudo porque não havia formação de professores. Segundo Barbosa (2010), os cursos de Licenciatura em Educação Artística foram criados em 1973 nas universidades e pretendiam formar professores de Arte, em apenas 2 anos, capazes de dar aulas de música, teatro, artes visuais, desenho, dança envolvendo a Educação Básica, 1ª a 8ª séries e 2º grau, conforme denominações da época.

Os professores de desenho, música, trabalhos manuais, canto coral e Artes Aplicadas presenciaram o esvaziamento e os saberes desenvolvidos até então em simples atividades. Houve, nesse sentido, um esvaziamento dos conteúdos de Arte e os professores passaram a utilizar os livros de Educação Artística para preparar as aulas. Para Barbosa (2010), esses livros eram produzidos com o objetivo de fomentar a indústria de consumo. O ensino de Arte consistia de datas comemorativas ligadas ao comércio, religião ou nacionais e ensino de desenho e geometria.

O ensino passa a ser por meio da realização de atividades e o professor um ser polivalente capaz de dar conta de todos as linguagens artísticas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacional para o Ensino Médio – PCNEM (2006, p. 91),

> [...] nas escolas, a arte passa a ser entendida como mera proposição de atividades artísticas, muitas vezes desconectadas de um projeto coletivo de educação escolar, e os professores deveriam entender a todas as linguagens artísticas (mesmo aquelas para as quais não se formaram) com um sentido de

> práticas polivalentes, descuidando-se de sua capacidade e aprimoramento profissional.

Após os anos 60, educadores/pesquisadores organizaram mobilizações em prol de uma educação contextualizada a fim de que o povo, por meio dessas mobilizações, pudesse se conscientizar sobre a atual situação da sociedade brasileira em questão. Sendo assim, segundo Ferraz & Fusari (2002), novas teorias tentaram substituir o pensamento liberal em prol de uma educação progressista. São essas as seguintes teorias pedagógicas: libertadora, libertária, história crítica ou crítico-social dos conteúdos ou sociopolítica.

Conforme Ferraz & Fusari (1992), na teoria libertadora e libertária, a educação deveria emanar do povo, de forma que não fosse autoritária, mas que possibilitasse libertar as pessoas da opressão, da ignorância e da dominação. Essa teoria tem como representante Paulo Freire (libertadora), Michel Labrot, Alestin Freinet, Miguel Gonzalez Arroyo (libertária), etc.

A proposta defendida por Freire tem como princípio a reflexão para transformar camadas populares por meio de uma educação emancipatória. Nas aulas de Arte, o teatro foi a linguagem mais utilizada e, como exemplo, o Teatro do Oprimido, criado pelo teatrólogo e dramaturgo Augusto Boal.

A pedagogia libertária tem como fundamento a autogestão da educação, objetivando superar as lacunas deixadas pela burocracia. As ações deveriam ser realizadas em grupos, dividindo as atribuições da gestão escolar em assembleias, eleições e conselhos. Com isso, o papel do professor passaria a ser de estimular o processo ensino aprendizagem e o do aluno de definir aquilo que deseja estudar.

A partir dos anos 80, o ensino de Arte passa a ter uma nova reorientação, justamente porque a arte produzida nas mais variadas culturas passa a ser trabalhada nas escolas. As unidades de ensino receberam influências da proposta construtivista ou renovada. O aluno, nessa perspectiva, é o sujeito dessa aprendizagem. Essa é a proposta sugerida pela pedagogia crítico social em que os conteúdos deveriam partir da realidade histórico-social vivenciada pelo aluno.

Nos anos 80, surgem movimentos em prol de uma ação educativa criadora e ativa em Arte. Nesse sentido, pensa-se também na importância da denominação para a disciplina que trata do ensino de Arte. Segundo Barbosa (2014, p.20) “a terminologia é muito importante para revelar a relação dialética entre arte e educação”. A partir do Festival de Campos de Jordão, em 1983, Arte passa a ser Arte-educação. Anos mais tarde, Arte-educação passa a ser

Ensino de Arte ou Arte/educação, separada pela barra. A barra, segundo o argumento de Barbosa (ibidem), indica o sentido de pertencer a algo.

1.3 TENDÊNCIAS CONTEMPORANEAS NO ENSINO DE ARTE

O ensino de Arte não fica isento dos reflexos das mudanças que ocorrem no contexto da sociedade, a pós-modernidade, conceito defendido por diversos autores influenciaram estudos sobre a arte. Entre essas está o desenvolvimento da Proposta Triangular.

A arte/educação, numa perspectiva contemporânea, propõe algumas situações, como: inter-relação entre o fazer, ler e contextualizar numa perspectiva histórica, social, antropológica; relação com a cultura e a história de um país, bem como a expressão pessoal e cultural de um povo. Para isso, há a necessidade da alfabetização visual e o compromisso com a diversidade cultural.

O ensino de Artes não deve resumir-se no fazer, amplia-se para a interpretação e contextualização. Há, então, a Proposta Triangular desenvolvida por Barbosa a partir de experiências feitas no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo entre os anos de 1987 a 1993. Essa teoria apresenta como base a conexão entre o fazer artístico, a leitura de obras e a história da arte. Conforme Barbosa (2014, p. 33-34),

> A proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, que são: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, origina em uma tríplice influência, na deglutição de três outras abordagens epistemológicas: *As Escuelas AL Aire Libre* Mexicanas, *o Critical Studies* inglês e o movimento de apreciação Estética aliada ao DBAE (Disciplina *Based Art Education*) americano.

As *escuelas AL aire libre* surgiram após a Revolução mexicana de 1910, a partir de uma dissidência da Academia de Belas Artes. Esse movimento apresentava um objetivo que foi: relacionar a ideia de arte como expressão e como cultura visual. A pretensão desses ideais foi resgatar o hibridismo cultural, sincretismo e relação entre erudito e popular.

Estudos Críticos é uma abordagem em que há uma apreciação da obra de arte baseada na percepção estética e na contextualização. Essa proposta foi baseada entre vários movimentos: Estudos críticos *Critical Studies*, Inglaterra, de David Thistlewood; Movimento

de apreciação estética de Manuel Barkan e Movimento de Crítica Literária e ensino de literatura *Readeer Response*, nos Estados Unidos.

Segundo Barbosa (2014), a *Proposta Triangular* não foi copiada a partir do *Disciplina Based Art Education* DBAE americano, princípio que trabalha com disciplinas, mas sistematizado a "partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade" (Barbosa, 2014, p. 30).

A *Proposta Triangular* não se sobrepõe ao *Critical Studies* inglês nem ao DBAE americano porque há uma inter-relação entre eles, justamente por corresponder ao reflexo da pós-modernidade da arte e da educação.

> O *critical studies* é a manifestação pós-moderna inglesa no ensino da arte, como o DBAE é a manifestação americana e a Proposta Triangular, a manifestação pós-moderna brasileira. Há correspondências entre elas, sim. Mas, essas correspondências são reflexos dos conceitos pós-modernos de arte e de educação (BARBOSA, 2014, p. 31).

Nos últimos anos do século XX, a legislação brasileira para a Educação brasileira compreende as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, os Parâmetros Curriculares Nacional – PCNs e Diretrizes Curriculares. Dentre essas, está a LDB nº 9394/96.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96 - dispõe sobre os Níveis e as Modalidades de Educação e Ensino e, no capítulo I, consta que a educação escolar se faz em níveis: I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior.

Em relação ao ensino de Artes, essa Lei faz algumas menções. No artigo 36, o currículo do Ensino Médio apresenta a seguinte diretriz para o ensino, especificamente na seção I: "destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes" (BRASIL, Lei 939/96, 1999, p. 33).

Mais adiante, menciona a Arte da seguinte forma: "as artes como constitutivas do pensamento simbólico, metafórico e criativo, indispensável no exercício de análise, síntese e solução de problemas" (BRASIL, Lei 9394/96, 1999, p. 77). Quanto à obrigatoriedade, esta aparece no artigo 26, inciso 2º, ao assegurar que "o ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (BRASIL, Lei 9394/96, 1999, p. 31).

A partir da década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacional influenciaram o ensino das Artes no Brasil. Os Parâmetros Curriculares "não são uma metodologia nem uma proposta

de currículo, e sim um conjunto de princípios que reorientam a visão do ensino de arte" (CARVALHO, 2008, p. 4). Segundo os PCNs, a Arte na contemporaneidade propõe uma reflexão sobre as condições de produção e o contexto que a legitima.

Os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) é um documento que ocorreu após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996 e referenda a educação no sentido de orientar as propostas curriculares, projetos das escolas e ações dos docentes quanto a elaboração do planejamento. Nesse documento, especificamente no que se refere à Arte, tentou-se englobar as mudanças há muito reivindicada e pretendida pelos professores.

O documento de Arte (PCNs) apresenta uma visão histórica com as principais tendências pedagógicas relacionadas ao ensino dessa disciplina. Apresenta também os pressupostos teóricos relativos às linguagens artísticas, como música, dança, teatro e artes visuais, bem como a relação com as mídias e os audiovisuais.

De acordo com Ferraz & Fusari (2002), os PCNs foram organizados como diretrizes pedagógicas e considerados um referencial de grande importância para o ensino do país, justamente pelo seu objetivo de assegurar a democratização e o ensino para os estudantes.

Os saberes oriundos desse documento orientaram o trabalho de profissionais da educação e contribuíram para as bases teóricas e práticas para a construção e desenvolvimento da identidade e formação da cidadania. Ainda segundo Ferraz & Fusari (2002, p. 57), no que concerne ao ensino de Arte e os saberes consta o seguinte,

> Os saberes foram direcionados ao autoconhecimento, autonomia e ao outro, ao fazer e perceber arte com autonomia e criticidade, ao desenvolvimento do senso estético e à interação dos indivíduos no ambiente social/tecnológico/cultural, preparando-os para um mundo em transformação e para serem sujeitos no processo histórico.

A arte sensibiliza as pessoas, seja por meio de música, dança, peça teatral, pintura, um objeto de época, pintura corporal de determinada tribo, arquitetura. Essas produções estão envolvidas em linguagens. A fim de que essas produções não se percam ao longo das gerações, o ser humano vem tentando ensiná-las aos jovens seja em ateliês, oficinas, academias de arte, conservatórios ou nas escolas.

Muito se tinha lutado para a reconquista da Arte para a educação. Muitos encontros e congressos se fizeram necessários para tal realização. E, somente a partir da década de 90, com a nova Lei de Diretrizes no 9394/96, a disciplina de Arte passa a fazer parte do currículo, embora no Ensino Médio apareça apenas em uma das séries.

Com isso, novos objetivos foram traçados a fim de levar o povo de uma nação a pensar, a analisar, a julgar e a refletir sobre si, a sociedade em que está inserido e o mundo em que se vive. Essa também é a finalidade da Arte: levar os cidadãos à reflexão e servir como desenvolvimento. Segundo Barbosa (2010, p. 02), "a arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente inovado e inovador".

Segundo Barbosa (2012), um grande número de profissões está relacionado à Arte, como comércio e propaganda: outdoor, cinema, vídeo, produção de livros/revistas, designer de moda, indústria têxtil, designer gráfico, decoração. Há, nesse sentido, importância na presença da disciplina e no trabalho do professor.

> Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação (BARBOSA, 2012, p.14).

O ensino de Arte leva em consideração a cultura e a história. Por meio das aulas, desenvolve-se uma sensibilidade à cultura à qual o aluno faz parte, uma vez que não há povo que não tenha atributos relacionados ao modo de viver próprio, seja por modos de falar, de vestir, comer, beber, festejar, construir as casas, etc. Portanto, conhecer a cultura local, preservá-la e respeitá-la se faz necessário. Assim, também como ser sensível, respeitando aqueles que não fazem parte desse mesmo contexto.

O ensino atual de Arte deve dar importância não somente à cultura europeizada, branca, norte-americana, mas à diversidade cultural brasileira, em função de raças, etnias, gênero, classe social e etc. Para Babosa (2012, p. 50),

> O papel da Arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola. Um dos papéis da arte é preparar para os novos modos de percepções largamente introduzidos pela revolução tecnológica e da comunicação de massa.

Considerando a importância que a Arte apresenta para os estudantes, ser social, é necessário que ela seja pensada nesse contexto atual, em que as tecnologias digitais estão amplamente utilizadas e os estudante necessitam estar preparados para utilizá-las como auxiliadoras nos processos de criação e produção em Arte.

2 O ENSINO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONTEXTO E APRENDIZAGENS

Essa sessão faz uma relação entre as tecnologias digitais e o ensino. Para isso, serão discutidos os modos de pensar a sociedade contemporânea, os usos e a importância das tecnologias digitais para a Educação e para as produções artísticas. No texto, há a origem do termo tecnologia, os conceitos teóricos sugeridos a partir dessas novas descobertas e a relação entre a presença da tecnologia na vida dos estudantes e a de integração delas nos processos criativos.

2.1 A SOCEDADE CONTEMPORÂNEA E OS NOVOS MODOS DE PENSAR E AGIR

O mundo contemporâneo não é o mesmo de outrora. Fala-se na acelerada percepção da passagem do tempo. A atividade concorre com a velocidade do tempo porque se defronta com a exorbitante quntidade de informações. Essas informações são provenientes de vários meios, como a TV, o rádio, os celulares e os computadores conectados. Enquanto a TV e o rádio veiculam informações que atingem a grande coletividade, as informações via tecnologias digitais chegam aos alfabetizados, os que dispõem de conexão e os mais jovens. Apesar das restrições, é expressivo o número dos conectados.

Segundo Santos (1986), a contemporaneidade propõe novo etilo de vida que alia o mundo das informações ao consumo exagerado de bens e serviços, o apelo à novidade, a busca pelo prazer do aqui e agora, a valorização da autoimagem, a preocupação pelo belo e pela aparência. Consumismo, hedonismo e narcisismo indicam o tripé correspondende a esse momento atual.

Para compreender essa época atual, é necessário voltar ao passado. Até o século XIX, consumir não era o foco principal das pessoas, comprova-se apenas aquilo que era necessário para se ter uma vida tranquila. Gastar em excesso nas compras significava falta de controle pessoal, ganância ou até mesmo distúrbio emocional.

No entanto, as indústrias, a partir do século XX, estavam expandindo e produzindo cada vez mais e havia a necessidade de mercado e consumidores. Nesse intuito, muda-se a forma de pensar das pessoas, fazendo-as acreditar que comprar faz bem para si próprios.

Logo, a ideia de consumir faz o indivíduo pensar que é algo divertido e prazeroso , o hedonismo. Consumir mais e mais em busca dessa satisfação. Além do mais, esse pensamento de consumir poderia trazer a ideia de elegância ou superioridade. A pessoa que pudesse

consumir aquilo que desejasse teria capital para tal e sentia-se superior ou poderoso em relação aos demais indivíduos, um sentimento narcisista.

Considerando que a liberação da internet no Brasil ocorreu a partir de 1995, as ideias defendidas por Santos (1986) são atuais, pois a sociedade atual presencia e vivencia esses fatos; informações, apelo ao consumismo, valorização de si, prazer pelo que ocorre aqui e agora. A população consome pelo prazer de consumir, menosprezando a necessidade. O imediatismo é outro fator da atualidade, pois não há espera para nada, tudo necessita ser logo, de imediato. A valorização da aparência e da imagem é recorrente na contemporaneidade. Frequenta-se academia de ginástica não apenas pela saúde, mas pela aparência.

Conforme Santos (1986), esse momento é a pós-modernidade. O que distingue a modernidade da pós-modernidade é a modernidade cultural. Há pensadores que atribuem o termo às Artes (arquitetura, pintura, escultura), outros à cultura e há também referência à ciência e à filosofia. O início dessa fase seria os anos 50, com o pós- guerra e o surgimento de uma nova ordem econômica. Nas artes, a pós-modernidade inicia-se com o movimento americano da *Pop Art*.

Entretanto, há autores que fazem referência a esse momento, à pos-modernidade, como periodização. Para Jameson (1985, p. 17), esse termo seria a divisão por períodos e estava relacionado a uma nova ordem econômica.

> Um conceito de periodização cuja principal função é correlacionar a emergência de novos traços formais na vida cultural com a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica – chamada frequentemente […] de modernização, sociedade pós-industrial ou sociedade de consumo, sociedade das mídias ou do espetáculo, ou capitalismo multinacional.

O Modernismo, com suas vanguardas que vigoravam no início do século XX, não conseguem trazer os mesmos impactos para as Artes, assim como para a emancipação pela ciência ou pela razão. Percebe-se que a atualidade é regida por novas ideias a partir da tecnociência computadorizada. Conforme Rouanet (1997), essas ideias trouxeram mudanças para as ciências, a economia, a filosofia, a sociedade, as artes.

A grande massa da modernidade de agora não é a mesma da modernidade industrial. No modernismo industrial, havia uma classe proletária que marchava pela revolução em busca de dias melhores. Era uma socidade organizada em movimento. Na pós-modernidade, há descontinuidade da história, pois o indivíduo se preocupa mais com a saúde, o momento

presente e o lazer, não se envolvendo de forma profunda nos movimentos sociais. Conforme Rouanet (1997, p. 233), “o mundo social se desmaterializa, passa a ser signo, simulacro, hiper-realidade”. As imagens são mais atraentes que a realidade, ou seja, são hiper-reais. Espera-se sempre pelo novo, pelo espetacular, assim como a realidade transformada em signos, simulacro.

Segundo Rouanet (1997), no século XVIII, a sociedade industrial produziu o Iluminismo da Modernidade pelo progresso das fábricas e do desenvolvimento do homem pelo conhecimento. A máquina à vapor foi a mola propulsora dessa revolução. Nesse momento, o homem deixa de ser trabalhador artesanal para ser operador de máquina. A evolução gradativa dos meios de produção gerou significativo progresso.

Desse modo, o individualismo torna-se o elo entre a sociedade e a pós-modernidade embora esse individualismo se acentuasse bem mais na atualidade, havendo a denominação de niilismo, que siginifca redução ao nada. Para Rouanet (1997), a civilização moderna industrial, oriunda da máquina, modificou-se a partir da década de 50, trazendo novos rumos para a sociedade posterior à industrialização, havendo destaque para o consumo (serviços) e para a informação. Essa relação resultou no amplo desenvolvimento das tecnologias aliada às ciências.

A palavra tecnologia está sendo empregada em larga escala na sociedade atual. Contudo, esse termo apresenta vários sentidos a depender da época e fenômeno que lhe é atribuído. Ao buscar o dicionário Aurélio (1ª edição), vê-se como “conjunto de conhecimentos, especialmente científicos, que se aplicam a um determinado ramo da atividade” (FERREIRA, 1988, p. 627). Esse termo apresenta uma conotação científica, o que se faz importante lembrar que a história da humanidade evoluiu com a história da técnica.

As palavras técnica e tecnologia possuem raiz no verbo grego *téctein*, significando criar, produzir. A etimologia seria a seguinte: grego *techna* - vem de *téckne* – arte ou habilidade e *logia* – grego, estudo, conhecimento de uma arte. Os gregos utilizavam a palavra *téchne* fazendo referência a um conhecimento prático com finalidade concreta, diferenciando de “um simples fazer de um raciocínio”.

A utilização da técnica serviu em muitos aspectos à fixação e desenvolvimento do homem no planeta, aproximando-a à própria evolução da sociedade. Assim, o saber técnico não se distancia do saber intelectual, pois a técnica é um processo que envolve a criação humana.

Levy (1999) nos diz que uma técnica não é boa nem má, depende dos usos que se faz dela, do contexto em que é produzida e utilizada e do ponto de vista de quem a observa. Uma

técnica não é neutra, já que está condicionada a um meio, contexto e às diversas possibilidades. O problema, nesse sentido, não estaria nas mídias que empregam as tecnologias, mas no uso que se faz, podendo ser utilizada para vários fins. Ainda segundo o autor, por trás das técnicas há sempre ideias, projetos sociais, sonhos, interesses econômicos, estratégias de poder

Levy (1999, p. 25) afirma que a "técnica é produzida dentro de uma cultura e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas". Por ser criada dentro de uma cultura, estabelece as relações entre os seres de uma época, trazendo diversas possibilidades aos homens de uma sociedade. Significa dizer, portanto, que a técnica não determina certa situação, mas condiciona a tais realizações.

Considerando que a técnica é produzida dentro de uma cultura, é necessário discutir alguns conceitos para a palavra cultura. Para Ostrower (1977, p. 13), cultura significa "as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para as gerações seguintes".

Já Schaff (1995, p. 71-72) nos diz que a cultura "é a totalidade dos produtos materiais e espirituais do homem em um período determinado e em uma determinada nação (cultura nacional), ou no sentido mais amplo, abarcando a totalidade do gênero humano (cultura universal)".

Os conceitos apresentam em comum que a cultura é a produção material e espiritual dos indivíduos num determinado meio. Mas, ao buscar esse termo e acrescentar a palavra digital, o conceito ganha uma nova simbologia e passa a ser a cultura proveniente dos meios digitais: *Cibercultura*. Segundo Levy (1999, p. 17), "especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do *ciberespaço*".

Levy (1999) ainda nos apresenta que esse conceito de cultura passa de um termo social para um técnico e cria o *Ciberespaço*. A expansão da rede mundial de computadores permite perceber o nascimento da cultura do *Ciberespaço*. Na rede mundial de computadores, as informações encontram-se num mesmo plano, mas tudo é diferenciado. Não há uma hierarquização, mas uma diversidade de pontos de vista.

O *Ciberespaço*, segundo Levy (1999), é um espaço que surgiu da conexão mediada pelo uso da tecnologia e é uma ferramenta que apresenta como finalidade organizar os diversos tipos de comunidades, quer sejam no tamanho, tipo, função em coletivos inteligentes a fim de se articularem entre si.

Segundo o autor, o *Ciberespaço* é denominado rede. A rede é o espaço de comunicação construído por meio dos computadores interconectados mundialmente. “O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999, p. 17).

A forma de o ser humano pensar e socializar esses pensamentos por meio de conexões provenientes de rede mundial de computador seria a inteligência coletiva. “Logo, seria uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LEVY, 1999, p. 28).

A rede mundial de computadores WWW ou *internet* é o símbolo do *ciberespaço*, sobretudo porque aumenta o número de pessoas conectadas pelo mundo, por variados motivos, indo do entretenimento à pesquisa científica, da informação ao trabalho. O indivíduo conectado, mesmo estando só no meio da multidão, sente-se acompanhado. O poder da conexão sobre as pessoas é enorme, principalmente os jovens que nasceram nos anos 90 e início do século XXI.

2. 2 TECNOLOGIA: IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE E PARA A EDUCAÇÃO

As pessoas vivem rodeadas por aparelhos tecnológicos e as tecnologias com seus avanços e descobertas apresentam importância para a história da humanidade, sobretudo porque constituem marco para cada momento histórico. O desenvolvimento tecnológico não é algo de hoje, percorreu fases e momentos históricos. No entanto, essas evoluções não ocorrem sozinhas, dependem dos agentes sociais, seres humanos. Logo, a tecnologia depende da sociedade para se efetivar de fato e se desenvolver.

Precisamente nos momentos atuais, essa evolução é compreendida a partir dos avanços técnicos científicos. Como afirma Schaff (1995, p.62), “.. a microeletrônica e o progresso da área informacional, a microbiologia com grandes inovações no campo da engenharia genética e a revolução energética com a utilização da energia nuclear”.

A evolução das tecnologias é importante para a sociedade e para os seres humanos, porque não ocorre de modo isolado, mas nas condições sociais específicas. Como nos afirma Hetkowski (2010, p. 06), “as tecnologias são processos humanos criativos, que envolvem elementos materiais (instrumentos e técnicas) e imateriais (simbólicos e cognitivos) e que se encarnam na linguagem do saber e do fazer dos homens”.

Nessa evolução, estão o desenvolvimento da rede mundial de computadores e os aparelhos que possibilitam a conexão. A rede mundial de computadores permite a conexão entre as pessoas, seja por meio do computador portátil ou não, de celulares e tablets. Por isso, a conexão é positiva, pois permite a comunicação. Cada empresa, fábrica, entidade ou pessoa pode ter um endereço na internet onde receberão informações de todos os outros que também terão seus endereços.

As relações virtuais não excluem os encontros entre as pessoas nem as viagens, ao contrário, podem potencializar muito mais encontros, viagens, negócios, amizades. Apesar dos aspectos positivos, não está descartado que aspectos perniciosos podem advir do uso inadequado dessas redes. Além dessas vantagens em relação ao uso das tecnologias digitais, percebe-se que nem todos os cidadãos tem acesso, gerando a exclusão digital.

Muitas são as razões para essa situação. Considerando o grande número de pessoas conectadas no mundo, o número daqueles que não a utilizam é enorme. Para Levy (2002, p. 237) “toda nova geração tecnológica cria seus excluídos”. Com essa afirmação não significa dizer que Levy é contra a tecnologia, mas que só existem pessoas excluídas a partir do momento em que essas inovações passam a existir. Segundo o autor, o fato de haver analfabetos não nos leva a condenar a escrita justamente porque a sociedade era de tradição oral e não a utilizava.

Cabe aos professores e alunos refletirem sobre o discurso apresentado pelas tecnologias, buscando uma aproximação com o sentido mais amplo da formação. Os educadores não podem simplesmente ficar embevecidos pelos efeitos das tecnologias e empenhar apenas com a reprodutividade técnica. Como nos afirma MORAN (2011), não basta apenas informatizar a escola, para se ter acesso e fazer uso da tecnologia, é necessário também leitura e escrita. Num país como o nosso, em que o número de analfabetos ainda é alto, a exclusão digital de fato se estabelece.

De acordo com o Institututo Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil possui 11,8 milhões de analfabetos, correspondendo a 7,2 % da faixa que compreende 15 anos ou mais. Esses dados foram obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínuo – PNAD Contínuo. Para o IBGE, analfabetas são pessoas que não sabem ler e escrever.

Segundo esse instituto, em todas as faixas etárias há analfabetos, sobressaindo aqueles com 60 anos ou mais. No entanto, observa-se que há um número significativo na faixa correspondente ao jovem: 7,2 % na faixa de 15 anos ou mais e 7,7 % na faixa de 18 anos ou mais, considerando que esse é o momento da formação escolar.

Algumas reflexões são necessárias para se compreender a relação da educação nesse novo espaço, porque os conhecimentos, fruto da experiência humana, são armazenados e disponibilizados na rede, compartilhados entre as pessoas, possibilitando a troca de informações. A contemporaneidade traz para os cidadãos a velocidade e troca de saberes e, segundo Levy (1999), aquilo que se aprende hoje na carreira profissional não o será útil daqui a alguns anos, torna-se desnecessário.

A sociedade atual exige a ressignificação dos saberes. A simples presença de aparelhos conectados à Web não constituem aprendizagem porque não são recursos materiais ou tecnológicos que determinam aprendizagem. Moran (2011) afirma que há exemplos de escolas que não utilizam recursos e apresentam resultados satisfatórios de aprendizagem. Logo, não são os recursos que promovem a aprendizagem, mas as pessoas que lidam com esses aparatos.

A tecnologia está presente na escola, seja com os alunos ou por meio de projetos de informatização das escolas. Uma das reflexões é pensar nas mudanças, positivas e qualitativas, que elas podem trazer para o processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se que há muitas possibilidades, embora seja necessário vencer muitos desafios.

A educação é um processo social, pois educa quem transmite ideias, valores e conhecimento: família, escola, amigos, igrejas, empresas, internet. Na escola, o professor é o mediador desse processo. Nesse sentido, esse profissional que lida dia-a-dia com o aluno e as novas tecnologias necessita ter nova postura.

> Trabalhar com tecnologias visando criar encontro mais interessantes e motivadores dos professores com os alunos não significa privilegiar a técnica de aulas expositivas e recursos audiovisuais, mais convencionais ou mais modernos, que são usados para a transmissão de informações, conhecimentos, experiências e técnicas (MASETTO, 2011, p. 142).

O desafio, então, não é só trazer os aparelhos para a escola, deixá-los em seu devido lugar, mas utilizá-los para produzir conhecimento. Conforme Moran (2011, p. 27), “uma boa escola depende também de um projeto pedagógico inovador, onde a internet está inserida como um importante componente metodológico”.

O professor necessita, nesse processo de difusão do conhecimento, levar o aluno a aprender e a pensar. Passa a ser um propositor de uma aprendizagem colaborativa que irá proporcionar ao estudante, autonomia e autoaprendizagem. Sendo assim, Levy (2002, p. 57) nos apresenta

> O docente torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos dos quais se encarregou. Sua atividade terá como centro o acompanhamento e o gerenciamento dos aprendizados: incitação ao intercâmbio dos saberes, mediação relacional e simbólica e direcionamento personalizado dos percursos de aprendizado.

Na educação tradicional, o professor é o centro, aquele que transmite informações. Já a educação atual exige uma nova postura para o mestre, ainda mais lidando com a tecnologia digital, pois necessita de uma aprendizagem mais participativa, mesclando atividades presenciais e atividades à distância. Para Moran (2011), a aprendizagem poderá acontecer em vários lugares, estando online ou off-line.

O estudante traz muitas informações e essas precisam ser aproveitadas para a construção do conhecimento. A função do professor é mediar o processo ensino-aprendizagem. Masetto (2011) apresenta-nos que o professor, na qualidade de mediador, deve considerar algumas situações, como o aluno ser o centro do processo ensino-aprender e, portanto, o planejamento das ações deverá ser em função dele. Assim, o professor deve desenvolver percursos entre alunos por meio de ações conjuntas e propor novos desafios com atividades diversificadas.

3 TECNOLOGIA E ARTE: CRIAÇÃO E RECEPÇÃO

Esta seção apresenta uma reflexão sobre a importância do processo de criação na vida do estudante e a origem das motivações para o processo criativo. O texto apresenta também a função da criação como forma de integrar o estudante ao meio cultural e na construção da identidade, além do processo de criação na Arte no Modernismo e na contemporaneidade.

3.1 A ARTE E TECNOLOGIA DIGITAL: MOTIVAÇÃO PARA O PROCESSO CRIATIVO NA VIDA DO ESTUDANTE

Os estudos sobre a linguagem visual começam na infância, quando os estudantes mirins produzem os seus primeiros trabalhos, tidos como borrões, realizados com tintas de caneta, lápis ou outros materiais nos mais variados suportes, e também por meio da leitura proveniente das ilustrações, imagens veiculadas pela TV e pelos aparelhos tecnológicos conectados à Web (computadores, tabletes, celulares, etc.).

Esse procedimento não se encerra nesse momento, mas percorre todo o Ensino Fundamental e chega até o Ensino Médio. O Ensino Médio não é o momento responsável apenas para o aluno decodificar imagens, mas produzir dentro da linguagem visual. Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, “A recepção, apreciação, deve estar sempre aliada à produção na linguagem visual, por meio de oficinas de Arte. Aliás, entre as várias fases da vida humana, a juventude certamente é a que mais precisa e reivindica a ação criativa” (PCNEM, 2006 p. 187).

Essa ação criativa ajudará o estudante a pensar melhor sobre situações e atividades que poderão vir a realizar ao longo da vida. Desde os primórdios, o homem utilizou de sua criação para solucionar os mais diversos problemas que afligiam o dia-a-dia da época e, principalmente, a continuação e permanência da espécie humana sobre a terra.

Sendo assim, é necessário conhecer o conceito de criatividade para se perceber como se dá esse processo e as reflexões que se tem sobre ela não somente para a vida do estudante como de todas as pessoas.

Cunha apresenta inicialmente o seguinte conceito:

> ... a criatividade está ligada ao termo criar, isto é, dar existência, estabelecer relações. [...]

> A criatividade é um processo que faz alguém sensível aos problemas, deficiências, e hiatos existentes nos conhecimentos, levando-o a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses, modificando-as, certamente, e, numa etapa final, a comunicar os resultados obtidos. (CUNHA, 1977, p. 26-27)

Dada a importância que se dá à criação, Ostrower (1977) apresenta que "Criar é dar forma a alguma coisa". Para Kneller (1976, p.15), "Criamos quando descobrimos e experimentamos uma ideia, um artefato ou uma forma de comportamento que seja nova para nós".

Para alguns teóricos, a criatividade não pertence apenas às artes. Kneller (1976) e Ostrower (1977) apresentam que não é somente o artista um criador, o cientista também o é. O ato de criar não pode ser dissociado do ato de viver, pois a natureza criativa do homem ocorre numa realidade em que se vive, estabelecendo uma relação com a vida. Assim, toda criação envolve uma sequência ordenada, uma compreensão significativa dos fatos e eventos ocorridos a fim de que haja percepção. Logo, formas de percepção constituem motivação para a criação humana.

O ato de perceber-se como pessoa contribui para o ato de criação do ser humano, porque o homem, ao longo da história, vai percebendo essa necessidade de transformação, não apenas de si própria como do meio em que vive. Sendo assim, a percepção é algo primordial para o ato de criação.

Enquanto grande parte das sensações está relacionada ao inconsciente, a pequena parte constitui o consciente. É essa parte que chega até as pessoas de forma organizada, constituindo a percepção. Conforme Ostrower (1977), "A percepção é a elaboração mental das sensações".

É nesse contexto que está o papel da escola ao proporcionar o desenvolvimento da percepção por meio das diversas disciplinas que compõem o currículo, sobretudo a disciplina Arte, em que o aluno, de posse dessas potencialidades, estará apto a interferir positivamente no meio e na realidade em que vive. Barbosa (2012, p. 19) nos apresenta o seguinte:

> Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

O comportamento do ser humano, independente da herança biológica e do potencial sensível, ocorre no meio em que se encontra. Conforme Ostrower (1977), a sensibilidade não é algo apenas de artistas. Todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade e esta está relacionada às sensações.

Não se deve ter a pretensão de desenvolver apenas vaga sensibilidade nos estudantes por meio da disciplina Arte, mas potencializar o desenvolvimento cultural com esse ensino. Entender a cultura de um país significa conhecer e compreender sua Arte. A cultura identifica o sentimento de pertencimento do indivíduo. Para Barbos (2012, p.19), "A Arte como linguagem transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, como discursiva e a científica".

Ainda segundo Ostrower (1977), o ato de criar envolve o processo intuitivo do ser humano, mas nem sempre esse processo é consciente e intencional. O comportamento criativo do ser humano é mediado pela integração do consciente, do sensível e do cultural. A consciência e a sensibilidade são atos biológicos, inatos, enquanto a cultura representa o desenvolvimento social do ser humano. O ser humano é um ser cultural porque "ele age culturalmente, apoiado na cultura e dentro de uma cultura" (OSTROWER, 1977, p.13). É dentro dessa cultura que utiliza a criatividade para evitar a alienação.

A sociedade a qual fazemos parte é composta por pessoas, que trazem consigo suas culturas, porque ninguém vive no mundo sem essas marcas que o identificam. E são elas que compõem a diversidade cultural de povo, região e nação. O ensino de Arte, na atualidade, deve comprometer-se com essa diversidade cultural. Por isso, surgem termos para referenciar esse assunto: multicultural, pluricultural e intercultural.

O termo pluricultural foi utilizado nos Parâmetros Curriculares Nacional - PCNs com referência às várias culturas. Intercultural, segundo Barbosa, (2010) significa "a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na sociedade". Já a denominação transcultural é um termo mais recente relacionando às sociedades atuais e engloba a cultura visual proveniente dos meios de comunicação, trazendo, portanto, igualdade e identidade. Apesar da diversidade de sentidos apresentados em referência aos termos, multicultural e intercultural às vezes são usados como sinônimos.

O movimento sobre a interculturalidade iniciou-se nos Estados Unidos da América e na Europa devido aos diversos problemas sociais que abatiam sobre essas sociedades em relação aos conflitos étnicos. No Brasil, não ecoou da mesma forma porque esses conflitos não se restringem apenas a aspectos étnicos, vão além, pois são muitas culturas pertencentes à

sociedade e há assim conflitos de religião, idade, gênero, ocupação, classe social, educação especial (culturais especiais) etc.

A escola, sobretudo no que se refere ao ensino de Arte, deve romper com esse currículo e propor um ensino que considere os valores trazidos pelos estudantes provenientes dos diversos meios para as salas de aulas. Assim, deve considerar a diversidade como algo positivo para a educação, uma vez que a escola é o local em que o estudante se prepara para a vida e também para o trabalho.

É no trabalho que o homem encontra soluções criativas para os problemas que advém das atividades laborais. Logo, o trabalho potencializa a atividade criativa e o fazer artístico deve ser visto como trabalho. Como Ostrower (1977, p. 31), "Um fazer produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de um viver". O significado de trabalho não pode ser retirado da arte, vez que seria transformada em algo supérfluo. Apesar disso, na nossa sociedade, a atividade artística não é vista como trabalho porque envolve criatividade e a liberdade em expressar. As origens do pensamento criativo, seja em artes, ciências, tecnologias, está em duas sensibilidades que são o fazer e o pensar.

O fazer concreto depende das formas materiais que são empregadas. Quando não se conhece a matéria, ou seja, quando não se vivencia a materialidade, é impossível entender o processo de criação.

A materialidade indica a possibilidade e impossibilidade, mas é pela imaginação que vão ser reconhecidas com orientadores. Serão, pois, sugestões para a criação. É o poder criativo que irá optar pela matéria a ser utilizada. Assim nos diz Ostrower (1977, p. 32): "Só na medida em que o homem admita e respeite os determinantes da matéria com que lida como essência de um ser, poderá o seu espírito criar asas e levantar voo, indagar o desconhecido".

A imaginação é imprescindível para a criação. A pessoa só se torna criativa a partir da conscientização numa matéria concreta. Uma determinada criação envolve os pensamentos e as ideias de uma época, utilizando-se, assim, de uma linguagem própria.

O processo de criação ocorre a partir do conhecimento que temos de determinada materialidade que envolva formas simbólicas diferenciadas. Conhecer essa materialidade é ordenar o processo de produção. Essas formas são criadas mentalmente fazendo-se a opção por uma e excluindo as demais. Nesse sentido, a linguagem é responsável pela materialização, embora esta não seja subjetiva. Como afirma Ostrower (1977, p. 37), "Ela é objetivada como ordenação essencial de uma materialidade".

A imaginação criativa do indivíduo surge a partir do encantamento que ele empresta sobre as possibilidades de utilização de determinadas matérias ou realidades. Conforme

Ostrower (1981), o indivíduo cria a partir de uma identidade com determinada materialidade, utilizando uma linguagem específica para cada fazer. Corroborando com isso, Rubem Alves (1988, p. 47) afiram que "O que importa é simplesmente constatar que através da imaginação o homem transcende a facticidade bruta da realidade que é imediatamente dada e afirma que o que é não deveria ser, e que o que ainda não é deverá ser".

A materialidade utilizada pelo indivíduo/criador depende do meio e época em que se encontram. Os homens da Pré-história faziam sua criação com materiais da natureza. Construíam gravuras alomorfes, zoomorfas e geométricas com objetivos específicos para a época e em locais frequentados pelo público da época: as cavernas. Na Grécia Antiga, Platão apresentava que a obra de arte devia copiar modelos. Aristóteles introduz e apresenta o conceito de "*mimésis",* que significa imitar a realidade. Na Idade Média, o Renascimento trouxe a racionalidade oferecida pela Ciência. Na Idade Moderna, houve uma representação realista (imitativa e ilusionista) da realidade.

No início do século XX, há uma ruptura com a tradição e eis que surge o Modernismo. Esse movimento impactou o pensamento e a vida de indivíduos do mundo todo. É um movimento que propõe reformas nas Artes, buscando imagens novas para a Arte e para o mundo de então. O Cubismo foi o primeiro movimento do século, que propôs a suplantação e a imitação do real desenvolvimento e experiências plásticas de forma pura. Assim, nasceram os movimentos de vanguarda, que foram responsáveis pela arte até meados dos anos 50.

A Arte modernista rompeu com a arte do século XIX, sobretudo porque nesse passado esteve ligada a representação realista da realidade que seguia regras de construção. Durante toda a 1ª metade do século XX, o artista baseava-se no desenvolvimento das teorias do conhecimento e procurava experimentar esteticamente a visão do homem pela vida. Surgem, assim, os estilos abstratos, geométricos, conceituais concretos.

Conforme Cauquelin (2005), as vanguardas modernistas – Cubismo, Futurismo, Expressionismo – romperam com a estética de então, trazendo nova linguagem, porque esse mundo ocidental vivia o auge do progresso das ciências (expansão do científico, tecnológico, industrial) e os horrores da guerra. Esse novo momento histórico produziu um indivíduo fragmentado. Isso é possível, porque o artista representa o momento segundo sua visão. A Arte não necessitava captar a realidade exatamente como ela é, pois havia a fotografia para isso. Sendo assim, houve o rompimento da figuração e o início da abstração, deformação e assimetria.

> O que encontramos atualmente no domínio da arte seria muito mais uma mistura de diversos elementos; os valores da arte moderna e os da arte que nós chamamos de contemporânea, sem estarem em conflito aberto, estão lado a lado, trocam suas fórmulas... (CAUQUELIN, 2005, p. 27).

Na década de 50 do século XX, há uma nova ruptura, dessa vez em reação ao Modernismo porque, novamente, vive-se outro momento histórico, a pós-modernidade. Segundo Cauquelin (2005), seria a recusa pela linearidade de movimentos históricos, embora mantivesse ligação com o passado da arte, retomando formações artísticas já experimentadas.

Como apresentado anteriormente, a pós-modernidade se inicia num período regido pela globalização da economia, pela informatização dos setores produtivos e pela acessibilidade às mídias. É uma arte que põe fim ao "belo", às "formas puras" e às regras para construção. Faz uso de diversas linguagens: culta, popular, comerciais. Utilizam as tecnologias, formas artesanais e deixam de lado os materiais convencionais (óleo, bronze) e utilizam materiais variados: lama, plástico, banha, mel, papelão, néon, cera, palha, sementes, fotografia, rótulos, xérox, programas gráficos e o próprio corpo. Rompe com a moldura e o pedestal.

> O Pós-moderno designa justamente o heterogêneo, ou a desordem de uma situação na qual se conjugam a preocupação de se manter ligado à tradição histórica da arte, retomando formas artísticas experimentadas, e a de estar presente na transmissão pelas redes, desprezando um conteúdo formal determinado (CAUQUELIN, 2005, p. 129).

O primeiro movimento pós-moderno foi a *Arte pop*. Ele apresenta como linguagem os símbolos e objetos da cultura de massa: anúncios, rótulos, foto, atrizes de cinema, hambúrgueres. A esses objetos é dado um valor artístico. Conforme Cauquelin (2005), enquanto a modernidade buscava imitar a realidade, o modernismo procurava construir a visão da realidade. Já a pós-modernidade busca apresentar a vida com seus objetos. Quando o artista utiliza de objetos do cotidiano produzidos em série e construídos pela cultura de massa, faz referência à antiarte *dadaísta,* em que o importante não é a obra, mas o processo inventivo utilizado para a criação. Não é dada importância ao homem, mas ao objeto, à matéria, ao momento. Há assim estilos como o *pop*, minimalismo, conceitual, *happening*, performance, instalação, videoarte, videoinstalação.

3.2 OS PROCESSOS CRIATIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

Quando se fala em usar tecnologias na Arte, pensa-se na contemporaneidade. No entanto, em todas as épocas buscou-se tecnologias novas para esse fim. Para se sair do lugar comum, necessitou-se utilizar do que está em disponibilidade para se criar algo e, ao homem, coube lançar e absorver a materialidade e os meios acessíveis à época em que está vivendo para a criação.

Segundo Domingues (2009), a arte tecnológica é a atividade ou prática artística que utiliza das novas tecnologias como meio para uma finalidade artistica. Os artistas da era digital estão utilizando recursos computacionais nas criações gráficas, instastalações interativas, infografias, robótica, multimídia, ambientes virtuais, etc. Os artistas utilizam dos meios tecnológicos, embora não tenham trabalhado em suas invenções. Por meio dessa prática é possível estabelecer relação entre a arte, a ciência e a técnica. No entanto, a produção do artista segue as descobertas científicas. No inicio do século, houve o surgimento da cronofotografia, do cinema e do futurismo como resultados do desenvolvimento da velocidade.

A produção artística por meio de tecnologias apresenta como meta a interatividade, em que o público interage participando das experiências e dialoga com as produções mediadas por elas. O espaço de produção, geralmente os ateliês, é substituído pelos laboratórios de informática. Como afirma Domingues (2009), a inspiração do artista e suas intenções poéticas conectam com informações de toda parte e se revitalizam por interconexões com os saberes científicos.

Na arte digital, modifica-se a relação entre o autor e a obra. A obra, na produção via máquina, é um processo e dispersa-se a partir do momento em que os participantes interagem, participam e partilham as produções. O espectador deixa de ser um agente passivo, passando a ser um elemento ativo dessa experiência. Assim, a interatividade passa a ser um conceito chave nesse processo. Por meio dela é possível propor modificações na obra que é apresentada, possibilitando o diálogo entre aquilo que é proposto pelo autor.

O uso da tecnologia na Arte redimensiona algumas ideias tradicionais de produção e consumo, como a relação da arte com a ciência, pois teorias científicas são incorporadas a essa linguagem. Considerando que a produção é em rede, há também a presença da cultura imaterial. Artistas e outras profissões são integradas, como: engenheiros, biólogos, informáticos, físicos, etc. Além do mais, não existe o objeto fechado, pronto, acabado, mas o processo de produção.

A linguagem utilizada pelo artista sofre alterações e se molda, especialmente, na que está relacionada com a ciência. Como a produção artística utiliza de elementos da ciência, há então conceitos da matemática, da física, da automação industrial, da informática e das ciências biológicas. Nesse sentido, é utilizada a interdisciplinaridade como forma de gerir o processo de criação. Segundo Domuingues (2009), nesse processo, o artista não utiliza apenas elementos da linguagem visual, como cor, textura, matéria, espaço, pontos, linhas, mas usa o calor, luz, onda, velocidade, raios infravermelhos, circuitos e outros.

A relação da Arte com a ciência e a tecnologia avança à proporção que novos aparatos técnicos vão surgindo. O rádio foi o primeiro meio de comunicação a trabalhar com o imaginário que se expande fora da rede cultural tradicional da arte. Exemplo de trabalho artístico com o rádio, "A guerra dos mundos", obra radiofônica de Orson Welles. Nessa obra, Orson simulou a invasão de seres extraterrestres, provocando o terror entre os ouvintes do programa.

O telefone, comunicação à distância entre os indivíduos, vem logo em seguida. Laslo Moholy Nagy, em 1922, produz "Quadros telefônicos", que descrevia os quadros na forma em que deveria ser executado. O computador passou a ser usado mais amplamente a partir da década de 60, com o computador pessoal e com a invenção de monitores gráficos.

No Brasil, a primeira experiência com poéticas tecnológicas inicia-se na década de 50, com a Arte Cinética de Abrahan Polatnik e na introdução do computador na Arte com Waldemar Cordeiro. Nos anos 60, o artista plástico Waldemar Cordeiro juntamente com o físico Giorgio Moscate utilizaram o computador para criar imagens. Ambos eram professores da Universidade de São Paulo e conseguiram fazer com que uma imagem fotográfica fosse convertida para o meio digital e, posteriormente, impressa num papel.

Segundo Machado (2010), o desenvolvimento da arte envolvendo tecnologias no Brasil deu-se devido o contexto histórico vivido pelo país, que foi a ditadura militar, e o envolvimento dos artistas e estudiosos pelos conhecimentos desenvolvidos fora do país em relação à tecnologia. Esses saberes foram incorporados à criação da arte brasileira.

Essa realidade brasileira fez com que o trabalho artístico brasileiro se diferenciasse do que era produzido fora do Brasil. A poesia concreta se destaca como um dos primeiros exemplos mundiais da poesia desenvolvida por um computador. As gerações que sucederam esse momento apresentaram trabalhos envolvendo a videoarte, *computer art*, *computer music*, arte-comunicação, instalações multimídias, holografias, ambientes virtuais e etc.

Conforme Machado (2010), com o passar dos anos, as produções artísticas tecnológicas foram ganhando destaque e, na atualidade, multiplicam-se os festivais, encontros e mostras envolvendo esse gênero e em que tecnologia e ciência se fazem presentes.

O computador conectado é um sistema que possibilita a ampliação do campo perceptivo. Barbosa (2010) nos alerta sobre a atenção que a educação vem dando às tecnologias, de modo que se torna importante utilizá-las para a produção cultural, assim como preparar os estudantes para recepcionar as produções advindas desses meios.

> Com a atenção que a educação vem dando às novas tecnologias na sala de aula, torna-se necessário não só aprender a ensiná-las inserindo-as na produção cultural dos alunos, mas também educar para a recepção, o entendimento e a construção de valores das artes tecnologizadas, formando um público consciente (BARBOSA, 2010, p. 111)

Considerando a importância da tecnologia e sua aplicabilidade na vida e na sociedade, percebe-se a sua incorporação ao ato de fotografar, pois as câmeras foram evoluindo com o passar do tempo. Na atualidade, em convergência com a evolução tecnológica, as câmeras digitais foram incorporadas aos celulares, possibilitando uma evolução na história da fotografia.

4 FOTOGRAFIA E ARTE: CAMINHOS CRUZADOS

A fotografia é um conhecimento novo na história da humanidade, surgindo no fim do século XIX. Antes desse momento, para se obter uma imagem fotográfica ou registro de pessoa, local ou objeto, era necessário utilizar os serviços de um pintor ou escultor para realizar tal atividade. Como nos afirmam Barthes (1980) e Flusser (1985), a fotografia produz imagens que jamais se repetirão, o que faz dela algo tão fascinante, atual e popular, principalmente com a possibilidade do celular digital. Aqui, a história da fotografia será conhecida a partir dos estudos de Benjamin (1987). A relação entre fotografia, criação e arte se dará a partir dos estudos de Rouillé (2005).

4.1 FOTOGRAFIA: HISTÓRIA, USOS, SENTIDO

A sociedade atual vive permeada por imagens e, dentre essas, estão as fotografias. Barthes (1980), na década 80 do século XX, já confirmava a presença dessa arte e dizia ver fotos por toda a parte, como também em todas as pessoas. Na atualidade, a presença das fotografias se torna importante, por isso se faz necessário conhecer a sua história, seus usos e sentido.

A palavra fotografia vem da palavra grega *phosgraphein*, formada a partir de dois elementos: *phos* ou *photo*, que significa “luz”, e *graphein*, que quer dizer “marcar”, “desenhar” ou “registrar”. Portanto, tem o significado de desenhar com a luz.

A fotografia nasce do trabalho de vários pesquisadores. Segundo Benjamin (1987), a câmara escura era conhecida desde Leonardo da Vinci, no século XVI. O objetivo dos percursores da invenção da fotografia era fixar as imagens da câmera escura.

> [...] já se pressentia, no caso da fotografia, que a hora de sua invenção chegara, e vários pesquisadores, trabalhando independentemente, visavam o mesmo objetivo: fixar as imagens da câmera clara obscura, que eram conhecidas pelo menos desde Leonardo (BENJAMIN, 1987, p.91)

A primeira fotografia que se tem conhecimento é uma imagem produzida em 1826 pelo francês Joseph Nicephore Nièpce, que utiliza de um simples equipamento e consegue fixar pela primeira vez a imagem de uma paisagem vista da janela de sua casa de campo. Esse processo necessitou de oito horas em exposição à luz solar e deu origem a uma imagem em

preto e branco. Essa criação foi denominada de heliografia, ou seja, uma exposição à luz solar.

Em 1827, Louis Daguerre, pintor e físico, entra em contato com Nièpce, manifestando interesse nas gravações de imagens. Dois anos depois, tornaram-se sócios e, em 1839, Daguerre desenvolve um processo mais prático e com menos tempo de exposição à luz, aproximadamente dez a quinze minutos. Segundo Benjamin (1987), esses efeitos utilizando a câmera escura foram denominados de “diorama”.

Nièpce falece em 1833 e Daguerre apresenta à Academia Francesa de Ciência da França esse processo que deu origem à fotografia. O daguerreótipo alcança sucesso devido ao custo e à cópia fiel da imagem.

Benjamin (1987) explica a história do surgimento da fotografia a partir do conceito de *aura*. A *aura* é um elemento único de uma obra. “A *aura* é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1987, p.3). Ao abordar o conceito de *aura*, o autor relaciona-o aos efeitos técnicos pelos quais a fotografia vai passando desde o surgimento e aos impactos em relação à criação artística.

O autor apresenta três momentos a partir da *aura* e que para ele são relevantes nesse processo: a) O auge da fotografia está entre os anos 1839 a 1875; b) a decadência da *aura* corresponde aos anos de 1875 e 1850; e c) a revitalização, relaciona-se ao final do século XIX e início do século XX.

O primeiro momento, denominado por Benjamin (1987) de *Apogeu*, corresponde aos primeiros anos do surgimento da fotografia, aos processos técnicos que fixaram as imagens da câmera escura e o reconhecimento oficial do daguerreótipo. Nessa fase, os procedimentos técnicos e mecânicos, juntamente com os manuais, produzem as primeiras imagens fotográficas.

O daguerreotipo captava as primeiras imagens do rosto humano, “os mistérios na intimidade dos rostos fotografados, em retratos” (Benjamin, 1987, p. 95). Para o autor, nessas fotografias, há a aparição da *aura*, uma “convergência entre o objeto e a técnica” (Benjamin, 1987, p. 99) e “o rosto humano era rodeado por um silêncio em que o olhar repousava” (Benjamin, 1987, p. 95).

Nesse momento, havia a magia da representação porque cada peça com a imagem era única. A sensibilidade luminosa das primeiras chapas exigia uma longa exposição ao ar livre.

Assim, essas imagens pareciam quadros bem desenhados ou bem pintados, diferentes das fotografias instantâneas.

Essa época considerada por Benjamin (1987) como *Apogeu* da fotografia é o momento dos retratos. O autor refere-se aos retratos feitos por David Otavius Hill, Júlia Cameron e Félix Nádar, em que era necessário maior tempo de exposição à sensibilização das chapas pela luz, o que permitia emergir dos sonhos as minúcias de um rosto humano, único.

Além da aparição da imagem do rosto, destaca-se o fato de a pessoa está exposta e viver aquele momento de espera. Esse tempo em que o modelo a ser fotografado ficava exposto era considerado um momento único, vivido e experimentado pela pessoa que ficava ali. Como afirma Benjamin (1987, p.101) "Havia uma aura em torno deles, um meio que atravessava por seu olhar lhes dava uma sensação de plenitude e segurança".

Dando continuidade à história do desenvolvimento da fotografia, Willian Henry Fox Talbot, por volta dos anos trinta do século XIX, desenvolveu a possibilidade de fixar a imagem em papel. Uma imagem transformada em negativo produziu um modelo que foi possível ser reproduzido, o que possibilitou a modificação da imagem. Os cartões de visita, com o retrato do seu portador, sinalizaram o processo de comercialização e industrialização da fotografia.

Benjamin (1987) nos diz que a invenção do negativo, a reprodutividade das cópias e o aperfeiçoamento dos aparelhos proporcionaram o crescimento do fotógrafo, do lucro e do grande número de fotografias, mas trouxe como consequências o declínio da *aura* nas fotografias. Esse declínio ocorre a partir do desenvolvimento da técnica.

A reprodutividade técnica prioriza os critérios técnicos e não os artísticos. Então, há a perda dos valores *auráticos*, ou seja, o original único deixa de existir. Outra presença da perda da *aura* consiste no *pictorialismo*, em que predomina a prática do retoque para tentar suprir o que a reprodutividade técnica havia destruído.

No final do século XIX, Atget dá um outro sentido às fotografias produzidas em série e retocadas nos ateliês ao produzir imagens retiradas da realidade. Nesse momento, o fotografo deixa de fotografar a pessoa humana e passa a retratar imagens da cidade de Paris com ruas solitárias, árvores e objetos.

Segundo Benjamin (1987), Atget lança um novo olhar sobre a fotografia, fugindo da modalidade comercial e produzindo imagens da realidade. Com isso, a fotografia estaria inaugurando a revolução surrealista. "Com efeito, as fotos parisienses de Atget são as precursoras da fotografia surrealista, a vanguarda do último destacamento verdadeiramente expressivo que o surrealismo conseguiu pôr em marcha" (Benjamin, 1987, p. 100).

Esse momento seria a completa destruição da *aura*, que antes havia sido extinta devido a reprodutividade técnica, mesmo com tentativas de restauração quando se usavam os retoques nos ateliês.

O debate sobre a relação da fotografia com a Arte não se encerra nesse momento, prolonga-se até a atualidade. Todo o século XX está marcado pelas mudanças ocorridas no processo de fotografias porque, segundo Flusser (1985), a fotografia é uma imagem técnica, produzida por aparelhos e, ainda sim, esses aparelhos são produtos da técnica, que se originam de ideias científicas aplicadas e que foram modificando ao longo das décadas.

No século XX, o processo fotográfico sofre alterações com a descoberta das placas secas. A placa seca favorecia o armazenamento e a distribuição do material fotográfico. Esse processo ficou mais simples porque dispensava os métodos artesanais e aplicava a tecnologia industrial.

No final do século XIX, já começam a surgir as primeiras câmeras. George Eastman, empresário estadunidense, funda a *Kodak*, empresa pioneira no ramo que trazia nos seus anúncios a possibilidade de a própria pessoa fazer suas fotos. Além da possibilidade de realizar a fotografia, essa mesma empresa trouxe a vantagem de ela mesma realizar o processo de revelação, uma vez que já vendia o equipamento pronto e também poderia disponibilizar de laboratório para deixar as fotos prontas.

Nos anos 50 do século XX, ocorrem as primeiras inovações usando componentes eletrônicos nas câmeras e transformando-as de mecânicas em automáticas. A automação utilizada nas câmeras assemelha-se aos mesmos procedimentos utilizados na indústria com o objetivo de aumentar a produção e reduzir os custos.

A mudança recente na fotografia está no final do século XX, com a digitalização dos sistemas fotográficos. A câmera passa de analógica para sensora. A fotografia digital trouxe alterações de como se dá a realização desses processos. Assim, pode-se utilizar tanto a câmera digital como o celular para os registros e esses resultam em arquivos que podem ser armazenados ou manuseados a depender da finalidade a que se propõe. Como afirma Flusser (1985), as fotografias podem ser manipuladas. Como folhas, estas podem ser acrescidas de desenhos e digitais podem ser recortadas, redesenhadas, modificadas tecnicamente e veiculadas por meio de aparelhos.

A fotografia captura um momento e o congela para sempre, mas há sempre a indagação porque escolher aquele momento a ser fotografado e não outro, aquela pessoa ou determinada cena. Barthes (1980, p. 14) nos diz que “o que a fotografia reproduz ao infinito

só ocorreu uma vez, ela repete mecanicamente o que o nunca mais poderá repetir-se exaustivamente".

O objetivo do fotógrafo, segundo Flusser (1985), é conceber imagens jamais vistas, por isso os gestos concebidos por ele são momentos decisivos. A ação do fotógrafo, ou seja, o gesto no ato de fotografar assemelha-se ao movimento de um caçador no momento em que persegue a caça. Naquele instante, o caçador possui objetivo determinado, que é encontrar algo que está sendo procurado. Assim, procede o fotógrafo e seu gesto na procurar pela imagem. Nesse sentido, esse ato pertence tanto ao aparelho como ao fotógrafo.

Flusser (1985) nos apresenta que o aparelho fotográfico existe em função das escolhas do fotografo que pensa escolher tudo para ser fotografado, mas só consegue fotografar aquilo que está "inscrito" no aparelho. A pessoa que realiza a foto não fotografa os processos de determinado feito, mas as cenas. Sendo assim, o gesto de fotografar é produzir fotografias, ou seja, "superfícies nas quais se realizam simbolicamente cenas" (FLUSSER, 1985, p. 20).

As fotografias podem apresentar funções e essas, segundo Barthes (1980), podem informar, surpreender, representar, ensinar, fazer significar, dar vontade. Dependem de como recebemos e observamos. A fotografia, desde a sua criação e desenvolvimento no século XIX, atraiu o interesse de cientistas e artistas. Os cientistas as usaram em seus estudos e descobertas à serviço da pesquisa. Os artistas, igualmente, as usaram em seus experimentos e inovações como veremos mais adiante.

4.2 A FOTOGRAFIA COMO MEIO PARA A CRIAÇÃO ARTÍSTICA: DO IMPRESSIONISMO À CONTEMPORANEIDADE

Fatores sociais, econômicos e tecnológicos influenciaram a sociedade do final do século XIX que levaram a diversas modificações nos modos de pensar e agir. A indústria estava em pleno desenvolvimento e invenções como telefone, eletricidade, fotografia e automóvel que alteraram os hábitos de vida das pessoas envolvidas nesse meio. Isso não foi diferente com a Arte. O surgimento da fotografia levou os artistas a buscarem formas de expressão que não imitassem puramente a realidade, mas que a mostrasse nas suas diversas formas dinâmicas. Assim, o processo fotográfico se fez presente no Impressionismo, na arte de Marcel Duchamp, na Pop Art, na Arte Conceitual e Corporal exercendo diversas funções.

A fotografia não exterminou a pintura, mas trouxe novas formas de funcionamento para a Arte. No século XIX, segundo Rouillé (2005), a pintura manual é afetada pelo processo

de industrialização e ocorre de dois modos: o interior, com a preparação das cores, e o exterior, com a fotografia.

A tradição de preparar as cores de modo artesanal nos ateliês e repassar do mestre para o aprendiz não mais existe, uma vez que as tintas já vinham prontas, dentro de tubos, transportáveis para qualquer lugar, sem perigo de quebrar como nas bexigas de animais, frágeis.

A análise das imagens fotográficas e a observação de paisagens resultou no Impressionismo. O Impressionismo foi um movimento artístico em que os artistas pintavam cenas dos lugares e da paisagem segundo as sensações visuais. Os pintores observavam as cenas ao ar livre e pintavam diretamente na tela, utilizando cores puras e pinceladas soltas.

Os artistas desse período utilizavam as pinceladas mais soltas e manchas coloridas sem misturá-las para dar maior dinamicidade à cena. Esse princípio estava em consonância com a civilização de então cujas imagens não se distanciavam do processo de industrialização.

As manchas coloridas são provenientes do estudo da luz. Rouillé ((2005) assegura a importância da luz para a fotografia e para o impressionismo ao afirmar que "a luz é para a fotografia e para o impressionismo sua força, sua energia, sua singularidade" (Rouillé, 2005, 291). A distribuição da luz é que marca essa diferença: o claro e o escuro, o transparente e o opaco. O modo de fazer a pintura impressionista, que é o de captura dos momentos, é que a distingue da clássica.

Os modos de observar uma pintura impressionista divergem de uma clássica. Na pintura clássica, o observador procura pelo detalhe a uma certa distância. Entretanto, na pintura impressionista, a contemplação, como afirma Rouillé (2005), ocorre num constante vaivém do espectador para mais perto da pintura ou para mais longe.

De perto, o espectador admira o trabalho pictórico, no entanto, mais afastado, descobre a figura. O espectador da fotografia e da pintura clássica recebe algo acabado, já o impressionismo não lhe fornece a imagem pronta, pois a pessoa a constrói com o olhar. Percebem-se, com esse princípio, os novos caminhos para a pintura, já que a fotografia cumpre o papel que a pintura clássica fazia, relação com a realidade.

Conforme Rouillé (2005), a fotografia esteve presente na Arte de Duchamp. Duchamp, no início do século XX, utiliza de *ready-made,* ou seja, objetos fabricados industrialmente, mas que foram colocados como obras de arte. Nesse processo, importou traços característicos da fotografia para a Arte e, por meio dessa concepção, produziu um trabalho artístico que significaria "fazer" (grifos do autor). O saber fazer estaria relacionado ao saber enquadrar, que

corresponde ao melhor momento para se obter o registro. Logo, o artista seleciona e escolhe esse momento a ser eternizado.

Conforme o autor Rouillé (2005), Duchamp introduz o princípio da seleção e registro que são utilizados na fotografia, embora utilizados de forma diferente em relação à imagem fotográfica. Fotografia e *ready-made* são tidas como materiais, no entanto, distinguem-se pelo seu modo de ação; enquanto a fotografia copia, o *ready –made* realiza um recorte.

Aqui também o *ready-made* distingue-se da pintura. A pintura é um processo artesanal, manual, envolvendo o futuro de algo. Já o *ready-made* parte de objetos prontos, do cotidiano. Assim como a fotografia, esses objetos do dia-a-dia são transformados em Arte. Isso ocorre a partir do processo de seleção pelos artistas e de registro pela articulação. Assim, afirma Rouillé, (2005, p. 296), "Tudo não é arte, mas tudo pode transformar-se em arte, ou melhor, qualquer coisa pode tornar-se material de arte, desde que inserido num processo artístico".

É nesse sentido que a fotografia entra em cena, registrando o objeto e apresentando-o ao público. O Museu, o Salão ou a Academia de Arte sempre desempenharam esse papel de registro e de divulgação das obras de arte. Com o *ready-made* não foi diferente, uma vez que é algo que já foi escolhido, registrado por fotografia em imagem e em obra de Arte.

O ato de criação, nesse contexto, não se prende à função do artista-artesão, mas do artista que não utiliza apenas da mão para criar e sim o aparelho, uma máquina. Além do mais, é importante salientar a importância dos espectadores, nos quais o ciclo de criação se completa com essa participação.

A partir dos anos 50 do século XX, a fotografia continua a influenciar a Arte. Na década de 60 do século XX, artistas como Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Claes Oldenburg, James Rosenquist, etc. utilizaram produtos da sociedade de consumo em suas obras artísticas e técnicas diferenciadas de produção, como fotomontagem, pintura não figurativa, desenho e técnicas de reprodução como a serigrafia e a fotografia. No entanto, o destaque vai para o artista Andy Warhol.

O objetivo do artista é utilizar a serigrafia, especialmente a fotografia, para produzir telas o mais rápido possível. Isso porque o artista estava inserido numa sociedade industrial, de massa e afirmava que os meios mecânicos deveriam ser utilizados para a Arte. Warhol abandona os valores atribuídos à pintura tradicional e insere os valores da sociedade de consumo, como a mecanização, o lucro, o anonimato do artista, o artista-máquina no lugar do artista artesão, a negação do estilo, pois não inventa, mas encontra os objetos prontos.

Então, a Arte única, à mão e lenta, cede lugar a outro processo de criação, mecânico e rápido. A produção sob encomenda, a fotografia e os processos fotomecânicos, como a serigrafia, dão valor à produção do artista.

A relação de Warhol com a fotografia se dá pela produção em série, pois, a partir de 1962, passa a reproduzir em suas telas as diversas personalidades em destaque na época, os produtos da indústria de consumo, os acontecimentos das páginas policiais dos jornais. Conforme Rouillé (2005), quando o artista introduz essa produção, abandona o caráter único da obra de arte. O processo de criação busca apoio na fotografia e esse é um processo para a produção. Um exemplo utilizado pelo artista são as imagens de fugitivos procurados, oriundos da imprensa.

A fotografia está presente na arte conceitual e na arte corporal. Essas tendências da arte são possíveis com o uso da fotografia, como apoio, pois dependem de mapas, textos, esquemas e objetos para compreensão delas.

A arte conceitual foge aos processos tradicionais de produção, pois o artista propõe algo que não seja escultura ou pintura e a obra, às vezes, não possui materialidade. É um tipo de arte em que o conceito e a ideia que a envolvem é bem mais importante que a obra criada pelo artista. O artista utiliza da fotografia para explicar as ideias.

Segundo Rouillé (2005), a arte conceitual é mais destinada ao pensamento do que aquilo que é visto ou à afetividade. O artista dessa tendência não dá materialidade à obra, transforma-a numa ideia. Essa ideia ganha importância sobre os objetos, assim também como o processo que é mais importante que o produto. Logo, o "processo prevalece sobre o produto acabado, a ideia sobre coisa" (ROUILLÉ, 2005, p. 313).

A fotografia não é utilizada sozinha, ou seja, não apresenta expressividade única, pois é utilizada como um vetor, um puro condutor para o registro. Como exemplo, há o trabalho de Joseph Kosuth (1965) com três cadeiras: uma cadeira de verdade, a fotografia de uma cadeira e um texto de dicionário para a palavra "cadeira". Há, então, uma e três cadeiras ao mesmo tempo: a presença de um objeto real, uma imagem e a linguagem. Por meio dessa série, o artista questiona e afirma que a arte não está no objeto, mas no conceito. A origem da arte conceitual está em Marcel Duchamp, nos *ready-made*, embora só reconhecida na década de 60.

A partir da segunda metade do século XX, artistas utilizaram do corpo como lugar da Arte. O *happening*, termo cunhado pelo artista Allan Kaprow para designar uma manifestação artística que utiliza linguagens diversas, faz uso de objetos e de ação. Essa manifestação conta com a participação de uma pessoa ou pequenos grupos que se reúnem ao acaso e realizam

apresentações improvisadas. Essas ações efêmeras diferem das peças teatrais porque partem sempre de escritos e ensaios e aquelas do improviso e do acaso

O objetivo dessa forma de Arte não é dar importância ao objeto como um todo, mas refletir sobre o processo, ou seja, a essência do ato artístico. Essa manifestação artística é uma reação da arte pensada para o comércio e para os espaços tracionais como galerias e museus, embora pudessem ser realizadas nessas locais. Por se tratar de arte efêmera é que entra em cena a fotografia. Os artistas recorrem à fotografia como forma de registro por se tratar de algo que só existe naquele instante. Diante desse contexto, Rouillé (2005, p. 320) apresenta a função da fotografia: "A função da fotografia é registrar as ações-processos sobre o corpo ou sobre o terreno, transformá-las em imagens-objetos, e transportá-las para os locais da arte, de onde elas foram afastadas durante seu desenvolvimento".

O uso da fotografia como material da Arte, ou seja, a união entre arte e fotografia só ocorreu a partir dos anos 80 do século XX. A evolução se deu devido a natureza da fotografia. A arte corporal e a arte conceitual abriram as portas para a fotografia, mas sempre em segundo plano, porque o valor dado à fotografia consistia em registrar o trabalho artístico. No entanto, a fotografia supera o valor de ferramenta para se tornar um componente importante na obra, o material da obra artística.

A fotografia, como material da arte, remonta às vanguardas dos anos 20 em que os artistas utilizam os fotogramas e as fotomontagens. Os dadaístas foram os precursores das fotomontagens, nos anos 1910. Esse movimento foi uma reação à pintura realizada no momento do pós-guerra. Nesse momento, já é perceptível o uso da abstração na pintura.

Na fotomontagem, os materiais como fotografias publicitárias e fragmentos de jornais são recortados e colados. Rouillé (2005) apresenta que, nesse momento, houve as contribuições dos dadaístas que utilizaram da foto como forma de protesto e consistiu em construção, pois o artista pôde manipular esse material, por meio do recorte, da colagem e da reunião deles.

O fotograma, segundo Rouillé (2005), é uma imagem fotográfica, uma silhueta luminosa dos objetos, obtida em laboratório, sem máquina fotográfica, colocando diretamente os objetos em cima do papel sensível e expondo-os à luz. Assim, com a liberação da luz, o fotograma transforma a cópia em arte. Essa ação parte do princípio do registro, ou seja, o registro químico das coisas.

A fotografia, a partir dos anos 80 do século XX, deixa de exercer uma função subalterna, auxiliar e passa a ser o próprio material da arte, em que o saber-fazer fotográfico passa a ser valorizado. A fotografia material da arte se destaca por ser exposta sozinha e

realizada pelos próprios artistas que dominavam os procedimentos fotográficos, levando-a a ser de excelente qualidade e de tamanho grande, às vezes monumental.

5 METODOLOGIA

5. 1 ABORDAGEM

A palavra pesquisa apresenta acepções diferenciadas, quanto a sua utilização. Dentre essas abordagens está a de uma ação sistematicamente organizada com a intenção de encontrar uma resposta para uma pergunta previamente concebida. Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa pode ser definida como:

> (...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve- se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

A origem da palavra está no latim com o verbo *perquirir* e significa, segundo Bagno (2007, p. 17), "buscar com cuidado, procurar por toda parte, informar-se". Realizar uma pesquisa é refletir sobre uma determinada situação. Para Gatti (2012), a pesquisa é algo pelo qual procura-se obter conhecimento sobre alguma coisa. E quando se refere à educação há características específicas porque se refere a seres humanos ou com eles próprios, no seu processo de vida. Portanto, "o ato de educar é o ponto de partida e o ponto de chegada da pesquisa. É a apropriação a esse fato que a pesquisa educacional tenta compreender" (GATTI, 2012, p. 14/15).

Gatti (2012) ainda diz que a expansão da pesquisa na área educacional demonstra a importância que esta apresenta para a sociedade, pois o professor é levado à prática da pesquisa porque elabora e constrói conhecimento. A referida pesquisa ganha destaque a partir das décadas de 80 e 90, apresentando na atualidade uma diversidade de temas.

A sociedade presente vivencia o processo do desenvolvimento acelerado de tecnologias da comunicação e informação. Tecnologias digitais estão presentes nas escolas, nas famílias e em outros espaços. A simples presença das mesmas no ambiente escolar não significa, necessariamente, aprendizagem. É imprescindível o planejamento, por parte do professor, com vistas a utilização das mesmas para produção e construção do conhecimento. De acordo com Moran (2008, p. 47):

> As mudanças que estão acontecendo são de tal magnitude que implicam reinventar a educação como um todo, em todos os níveis, de todas as formas.

> Elas são de tal ordem que afetam a tudo e a todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologias, tecnologias, espaços e tempo.

No intuito de equipar ou modernizar a educação, as escolas recebem recursos e dispositivos tecnológico. Os alunos também são possuidores desses recursos e sabem utilizá-los bem mais que os adultos, pois nasceram nesta geração. Às vezes esses equipamentos não são utilizados ou quando o são servem como apoio, o que não é ruim, mas estes podem ser integrados ao processo criativo.

Estudos e pesquisas como as de Loyola (2009), Pimentel (2012), Alvarenga (2014) permitem perceber que os recursos tecnológicos constituem dispositivos importantes para o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Arte. Contudo, não se trata apenas de inserção de dispositivos tecnológicos, trata-se de inseri-los considerando seu potencial apresentado e as aprendizagens a serem construídas pelos estudantes.

Observa-se que na atualidade os dispositivos tecnológicos digitais conectados à *Word Wilde Web*, WWW ou Web, estão presentes na vida dos discentes que passam horas conectados. Porém, há a necessidade de se conhecer junto aos estudantes a utilização das tecnologias digitais no ambiente escolar.

Considerando que essa pesquisa tem por objeto levar o estudante da disciplina de Arte a criar imagens fotográficas em dispositivos digitais como celulares, propõe-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, pois visa compreender como os estudantes utilizam as tecnologias digitais de que dispõem. O objetivo da pesquisa qualitativa é compreender os fatos ocorridos dentro de um grupo, algo que não se mensura em dados numéricos. Conforme Minayo (2008, p.57):

> O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam.

O método qualitativo apresenta diferenças em relação ao quantitativo. Eles se diferem no que concerne à coleta e análise dos dados. Enquanto a abordagem quantitativa se envolve com dados estatísticos, a qualitativa tem por objetivo analisar e interpretar os dados provenientes de um conteúdo psicológico ou social. Conforme Marconi & Lakatos (2011, p. 269):

> A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela compreensão minuciosa dos significados apresentados pelos resultados da pesquisa. Para Minayo (2002, p. 22) "ela [a pesquisa qualitativa] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos".

A origem da pesquisa qualitativa está nas áreas de Antropologia e Psicologia, tornando-se pioneiras. Em sequência, foi utilizada pela Sociologia, e posteriormente, a Educação. Este método foi empregado na Antropologia porque os pesquisadores perceberam que os dados obtidos na pesquisa necessitavam ser interpretados.

Entre as principais características apresentadas por Bodgan e Biklen (1991), destaco: a) o ambiente natural como fonte dos dados e o pesquisador como instrumento chave; b) é essencialmente descritiva; c) os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente; e) o significado é a preocupação principal.

A pesquisa qualitativa, segundo Crowel (2010) é interpretativa, na qual o pesquisador através de investigações minuciosas busca interpretar os fatos para se obter os dados. O autor apresenta, também, a importância do pesquisador para esse processo. O pesquisador se envolve em experiências intensas com os participantes, havendo a necessidade de pensar sobre a forma de conduzir a pesquisa, bem como as questões éticas de como relacionar com envolvidos no processo de obtenção dos dados.

Para que se tenha um diagnóstico da realidade é necessário não supor o que acontece, mas investigar junto ao grupo, a fim de que esses resultados constituam informações sobre as práticas. Os autores recomendam que sejam desenvolvidos estudos exploratórios, pois estes podem nos dar uma visão mais precisa e mais ampla sobre o objeto e o percurso da pesquisa. Como afirma Oliveira (2007, p. 37), "Um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou estruturação".

A pesquisa aqui proposta parte do projeto de intervenção *Valorizando o Sertão*, desenvolvido na disciplina de Artes com os estudantes de Ensino Médio do CETEP de Caetité, nos anos de 2013 e 2014 e que teve como produto um ensaio fotográfico composto por 50 fotografias produzidas pelos estudantes.

Para efeito desta pesquisa o projeto *Valorizando o Sertão* foi revisitado no ano de 2016 de modo a contribuir em movimento exploratório no qual a experiência foi sistematizada em vistas a apoiar a definição do objeto de estudo desta pesquisa.

O resultado do movimento exploratório pode ser acessado no artigo apresentado no XIV Congresso Internacional de Tecnologias na Educação, realizado na cidade do Recife-PE, em setembro de 2016 em forma de relato oral e na modalidade escrita.

5. 2 DESENHO DE ESTUDO

A Ciência está relacionada às necessidades que os seres humanos tiverem ao longo da existência, por isso a sua origem faz alusão ao momento que o homem começou a observar, a indagar e a pesquisar.

De acordo com Villaça (2010), as pesquisas podem ser teóricas ou aplicadas. Enquanto a pesquisa teórica apresenta como pretensão a geração de conhecimento, já a aplicada tem como meta, além dessa geração de conhecimento, a possível solução para um problema específico.

Para Villaça (2010), a pesquisa aplicada tem por objetivo gerar o conhecimento para ser aplicado na prática, ou seja, é movida pela necessidade de solucionar problemas concretos. Assim sendo, sua finalidade é a prática.

Os estudos aplicados podem ser utilizados em diversas áreas de conhecimento. Dentre essas, a educação. Como afirma Villaça (2010), os estudos teóricos apresentam como meta conhecer ou aprofundar conhecimentos. Já os aplicados, estão relacionados às práticas da educação. Na pesquisa em questão, os problemas estudados originam-se no campo da educação. Logo, há a possibilidade de conhecimento úteis para melhorar aspectos da educação

Conforme Barros & Lehfeld (2007, p.93), a pesquisa aplicada é aquela em que o pesquisador é movido pela necessidade de conhecer para a aplicação imediata dos resultados. Contribui para fins práticos, visando à solução mais ou menos imediata do problema encontrado na realidade. Já para Apolinário (2004, p.152), a pesquisa aplicada tem a função de “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas”.

Meksenas (2002) apresenta-nos que a pesquisa possibilita a produção de conhecimento, por isso há a necessidade da mesma na formação do professor, porque será através desta que haverá mediação e interação envolvendo o sujeito do ensino ao sujeito da aprendizagem.

Ainda segundo Villaça (2010, p. 13), é importante que os professores “em formação e os já em serviço sejam preparados para o para o planejamento e para a realização de pesquisas aplicadas relacionada à realidade de sala de aula”.

5. 3 PROCEDIMENTOS DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

Os procedimentos de execução da pesquisa se deram a partir de cinco etapas que serão sistematizadas e descritas a seguir. Essas etapas foram: sensibilização, formação, seleção/manipulação/organização das imagens e divulgação.

A etapa de sensibilização apresentou como objetivo a adesão dos estudantes e o apoio do corpo pedagógico e gestor da Unidade de Ensino no intuito conhecer as ações do projeto e dar apoio nos momentos necessários. Inicialmente, o corpo diretivo e pedagógico conheceu as ações do projeto e autorizou a realização do mesmo.

A sensibilização aos gestores ocorreu a partir de uma conversa dialogada com esses, na Unidade de Ensino na qual os procedimentos de execução foram compartilhados e discutidos. Esse momento ocorreu no mês de junho de 2017. O corpo pedagógico também tomou conhecimento dos procedimentos através de uma conversa dialogada, também no mês de junho, nos momentos destinados à reunião semanal de planejamento dos professores.

Os estudantes do Ensino Médio conheceram a pesquisa através de uma conversa dialogada, realizada no auditório da Unidade Escolar, também em junho de 2017. Para sensibilizá-los foram apresentados os resultados de uma atividade realizada na escola, uma pesquisa denominada *Caravana do CETEP*.

Essa atividade, realizada nos anos de 2013 e 2014, inspirou a presente pesquisa. Constituiu-se de práticas de fotografia, organização do material em livro e socialização dos resultados junto à comunidade. Nesse momento, no auditório, foram apresentados as fotos, o livro e o depoimento de ex-alunos que participaram daquele projeto. Após este momento, os estudantes foram convidados a participar da pesquisa proposta.

A segunda etapa foi composta por quatro momentos formativos. Esse primeiro momento formativo teve por objetivo mapear os principais dispositivos comunicacionais que são utilizados pelos estudantes no cotidiano. Ocorreu numa das salas de aula do CETEP de Caetité, no mês de junho. Os estudantes assistiram a uma animação de curta duração do Projeto de Extensão do Departamento de Comunicação em Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba – Projeto Dias (UFPB, 2016), denominado “A Evolução das Tecnologias na Educação”. Nesse momento foram convidados a refletir sobre o conteúdo do vídeo.

Posteriormente, responderam a um questionário apresentado pelo proponente com perguntas semiestruturadas (Apêndice 1).

Dando prosseguimento, o segundo momento de formação foi uma oficina de fotografia com a participação dos alunos. O objetivo dessa oficina não foi formar fotógrafos profissionais, mas familiarizar-se com as câmaras digitais dos celulares para aprenderem técnicas de fotografias e exercitá-las para a obtenção de imagens bem elaboradas. Nessa oficina, os alunos conheceram algumas técnicas para melhorar as fotografias, tais como: enquadramento, regras dos terços, composição, linha do horizonte, perspectiva, cores, simetria, luz e etc.

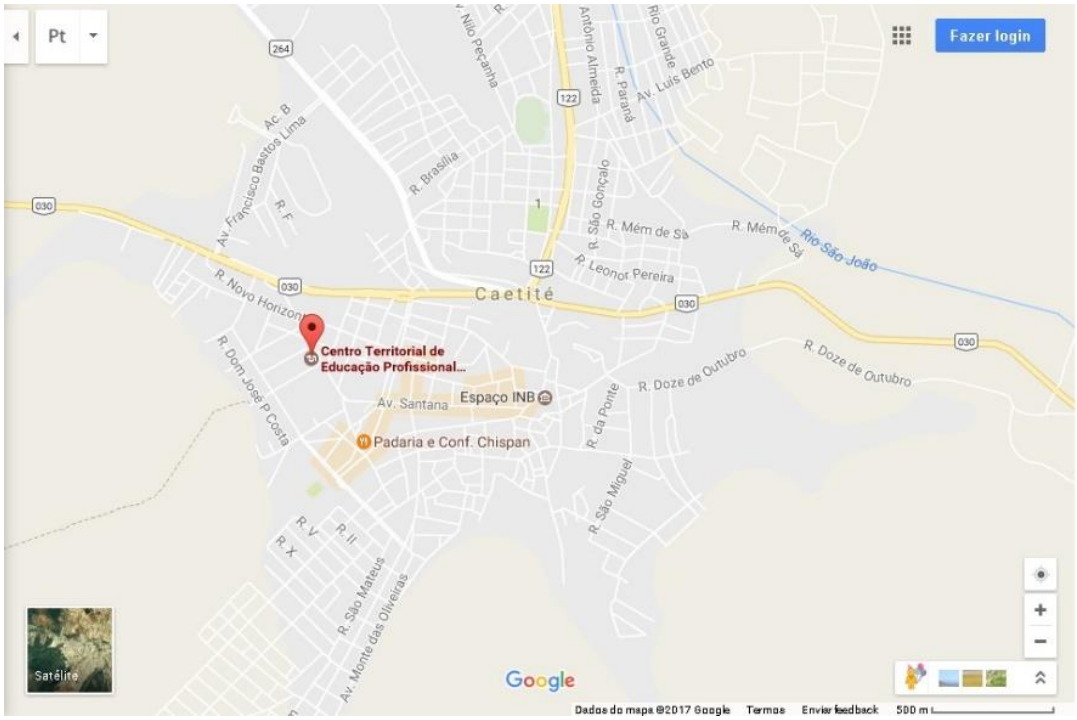
Nessa oficina, os estudantes conheceram e realizaram leituras de fotografias de Henri Cartier- Bresson, Robert Capa e Sebastião Salgado, artistas cuja genialidade produziram fotografias jamais vistas, verdadeiras obras de arte que relatam através de imagens momentos da história da humanidade. Fotos citadas e conhecidas pelos estudantes foram socializadas, como as de "Criança correndo após ataque aéreo em Napalm," de Nickut (1972); "massacre da Praça da Paz Celestial", de Jeff Widener (1989); "menina Afegã", de Steve McCurry (1984). A sensibilidade transmitida levou a diálogos e interpretações.

O terceiro momento formativo constituiu-se de uma palestra para os estudantes participantes, proferida pela professora de História da Universidade do Estado da Bahia UNEB, campus VI, Fernanda Matos sobre o 02 de julho. A palestrante discorreu sobre a importância dessa data para o Brasil, a Bahia e a região.

A terceira etapa foi a intervenção propriamente dita. Os estudantes, munidos de seus próprios celulares ou câmaras digitais, acompanharam os festejos do *02 de Julho* da cidade de Caetité/Bahia, fazendo registros através de fotos. Esta foi a oportunidade de colocar em prática conhecimentos e aprendizagens construídas na fase formativa.

As atividades foram desenvolvidas nas principais ruas e praças do centro da cidade de Caetité por onde passa o desfie. Os alunos reuniram-se às 7:20 da manhã no CETEP de Caetité e retornaram a esse mesmo local às 11:30, após o encerramento das atividades. Sendo assim, os estudantes com seus equipamentos saíram da Praça Clarismundo Pontes, praça onde fica a escola, e seguiram pela Avenida Anísio Teixeira, Praça Jairo Pontes, Rua Barão de Caetité, concentrando-se na Praça da Catedral. Após esse percurso e realizada as intervenções fotográficas os alunos retornaram à escola.

Imagem 01- Localização do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo em Caetité/Bahia.



Fonte: http://cetepsertaoprodutivo.blogspot.com.br/ Acesso em 01/05/17.

O *02 de Julho* é uma homenagem à Independência da Bahia e iniciou-se no município de Caetité em 1827 com a chegada do major Silva Castro para essa região (MENDES, 1996, p 50). O major José Antônio Silva Castro, avô do poeta Castro Alves, foi uma personalidade envolvida nas batalhas que livraram os brasileiros do domínio português, em 1823. Por isso, o major foi reconhecido pelas autoridades da época como autoridade policial e enviado às longínquas regiões do sertão com a intenção de apaziguar conflitos.

Os festejos foram modificados com o passar dos anos e o crescimento da cidade, mas conserva *as paradas* militares, o *Te Deum* e os quadros representando a história da independência da Bahia. O *Te Deum* consiste numa réplica da celebração religiosa católica em latim em homenagem à liberdade conquistada em 1823. Já as *Paradas* são cortejos militares, representados no desfile pelo tiro de guerra, soldados da polícia militar e marinha fluvial de Bom Jesus da Lapa. Os cortejos militares são tradição com influência europeia enfatizando ordem e organização do Estado. Os fatos relacionados à história homenageiam personalidades e grupos de pessoas envolvidas nas lutas pela independência: Batalhão dos Periquitos, Grupo de Tapuios, Joana Angélica, Maria Quitéria e a Cabocla.

Atualmente, o desfile é organizado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura e conta com a participação das escolas municipais e estaduais. O desfile é organizado através de uma sequência: abertura oficial com autoridades locais, parada militar, quadros representativos da história da Independência da Bahia, fanfarras escolares, movimentos sociais e temas livres que refletem a vida e a luta do homem do sertão.

Agregam-se ao desfile os grupos de montarias da região. Esses grupos são formados por cavaleiros que se unem de forma espontânea para andar a cavalo pelas estradas de terra do interior do município e região. Nesses encontros se confraternizam e organizam as suas participações nos festejos do *02 de Julho*.

Os quadros citados anteriormente iniciam-se na praça onde fica o CETEP, sucedem-se uns aos outros até a praça principal onde há o encerramento com hasteamento das bandeiras, uma celebração religiosa em Ação de Graças – *Te Deum* e discursos.

A quarta etapa apresentou como objetivo selecionar, manipular e organizar fotografias. Nesse momento, os estudantes se reuniram em equipes para a organização das imagens. Durante a organização, o material foi selecionado utilizando conhecimentos e aprendizagens na composição fotográfica e de criação de imagens. Em seguida, os estudantes manipularam as imagens, utilizando programas de edição de fotos disponíveis em seus computadores e nos celulares. Para isso, fizeram recortes, acrescentaram ou retiraram brilho. Essa atividade foi realizada em agosto de 2017.

Dando continuidade, houve a organização do vídeo, utilizando as imagens fotográficas selecionadas. O procedimento de edição para o vídeo consiste em utilizar de um editor. Para a composição, foram utilizadas as imagens pré-selecionadas, a música e a narração. A música foi um trecho do hino ao *02 de Julho*. Os estudantes, após orientação, estavam livres para composição. Para tanto, compuseram vídeos de curta duração numa modalidade documentária. Essa é uma narrativa audiovisual em que há os registros de uma realidade. Os vídeos foram produzidos por equipes, utilizando os computadores da biblioteca da escola. Estava previsto a participação de técnico para apoiá-los, mas não houve necessidade porque os estudantes dispunham de conhecimento sobre editores de vídeo. A organização do vídeo ocorreu no mês de setembro de 2017.

Após a intervenção no 02 de julho, os estudantes foram conduzidos a quarta fase de formação, cujo objetivo foi a criação de imagens utilizando *software* de desenho disponível no computador da escola. Essa formação consistiu em trabalhar conceitos e características dos elementos visuais para composição de imagens, como: ponto, linha, forma, cor e utilizá-los

para a realização de desenhos. Os estudantes, em equipe, realizaram desenhos utilizando os conceitos estudados. Esse momento ocorreu em outubro de 2017.

Há vários *softwares* disponíveis, mas foi utilizado o *Corel Draw* porque o mesmo se encontra instalado nos computadores da escola. Esse programa de computação gráfica tem como função criar desenhos gráficos, ilustrar, produzir efeitos e editar fotos. Após a realização dos desenhos, os mesmos foram impressos em papel A4 colorido (Apêndice 2).

Finalmente, a última etapa teve por objetivo divulgar as produções realizadas: vídeos, fotografias e imagens. A divulgação dos vídeos ocorreu em dois momentos. No primeiro momento, os vídeos foram divulgados na escola. Considerando que os mesmos foram organizados por equipes, cada uma dessas equipes fez a divulgação nas salas de aula para alunos e professor (a) ali presentes. Em seguida, houve a divulgação também em uma outra escola da cidade. Nessa escola, os estudantes faziam a exposição sobre a realização do projeto e socializavam o vídeo.

Houve, também a divulgação das imagens: fotografias e desenhos. As fotografias foram expostas no Hall de entrada da escola por ocasião da realização de um projeto da escola: o ”CETEP de Portas Abertas”. Esse projeto recebe estudantes de outras escolas que vem conhecer as ações desenvolvidas no CETEP pelos cursos ali oferecidos. Os estudantes produtores acompanharam a exposição, explicando aos visitantes. Houve a divulgação dessa exposição no Seminário Acadêmico da Uneb-BA, o VI Seminário do Grupo de Estudos: ”Educação, Universidade e Região - EDUReg”. Os desenhos foram divulgados no pátio da escola. A divulgação dos vídeos, fotografias e desenhos ocorreu em novembro de 2017 (Apêndice 3).

5. 4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram os estudantes do ano de 2017, do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo – CETEP de Caetité/Bahia. Os alunos da 2ª série do curso de Administração realizaram as fotografias e editaram os vídeos. Esses estudantes também produziram desenhos utilizando *software* de desenho específico. Entretanto, os estudantes da 1ª e 4ª séries do curso de Administração foram convidados a fazer leituras das imagens fotográficas oriundas das produções dos colegas da 2ª série.

Os estudantes da segunda série do curso de Administração estavam distribuídos em duas turmas do turno matutino, perfazendo um total de 61 alunos. Conforme questionário aplicado ao CETEP (Apêndice 4) obteve-se as seguintes informações. Quanto ao gênero, 19

estudantes são masculinos, 42 femininos. A faixa etária dos estudantes estava entre os 14 a 19 anos, sendo que a faixa de maior número estava entre as idades de 16 e 17 anos, apresentando 23 e 24 estudantes, respectivamente.

Em sua maioria, os estudantes residiam com as famílias, numa totalidade de 54 alunos. As moradias dos mesmos estavam nas zonas rural e urbanas, num total de 37 e 24 estudantes, respectivamente. A exceção está numa pequena parte que se hospedava durante o ano letivo em casa de parentes, 05 estudantes. Os demais ficavam em residência estudantil, 03 estudantes e república de estudantes, 02 estudantes.

Os educandos eram residentes nos municípios de Caetité, Lagoa Real e Igaporã e suas residências ficavam localizadas nas sedes das cidades, distritos, povoados ou sítios. Dezenove estudantes utilizavam o Programa Transporte Escolar para se deslocarem durante os dias letivos e 03 dependiam do transporte particular, pois residiam no município de Igaporã e este não oferecia transporte compatível com o horário das atividades escolares.

A forma de acesso dos discentes à instituição de ensino foi a matrícula no início do ano letivo. Os estudantes do curso de Administração ingressaram no CETEP no ano de 2016, na 1ª série do curso, totalizando 49 alunos. Desses, 08 matricularam em 2015 e 04 antes de 2015. No momento existiam 04 alunos que foram repentes no curso.

Os estudantes da sede do município de Caetité são residentes em bairros distantes do Centro da cidade. Essa informação é importante, pois implica na oferta de atividade em turno oposto. Logo, esses jovens permaneciam na escola durante apenas em um dos turnos de ensino. Traziam na bagagem, além do material escolar, o celular digital.

5.5 CAMPO EMPÍRICO

A pesquisa ocorreu no Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo – CETEP de Caetité/Bahia. Essa Instituição de Ensino foi fundado no município de Caetité no ano de 2002, denominado de Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, com o objetivo de oferecer um Ensino Médio a todos os jovens da região. A modalidade de ensino era Formação Geral. Em 2009 houve substituição de Formação Geral para Educação Profissional.

O Colégio, através da portaria nº 8677/09, publicada no Diário Oficial do Estado de 17/04/2009, foi transformado em Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo - CETEP. Esse estabelecimento escolar tem como pretensão desenvolver no Território de Identidade uma formação profissional ao jovem que reside nesta região do

sertão, voltada para o mundo do trabalho, atendendo as propostas estabelecidas no Plano Estadual de Educação Profissional do Estado da Bahia, cujo objetivo primordial é a formação do cidadão consciente do seu papel dentro da sociedade.

O CETEP de Caetité oferece Educação Profissional. Essa modalidade de ensino foi definida pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC e Conselho Nacional de Educação - CNE, através do decreto 5.154/2004, em que traz a integração da Educação Básica com a Educação Profissional Integrada – EPI. O currículo está composto pelos seguintes itens: I Base nacional comum e a parte diversificada e II Formação geral e preparação básica para o trabalho.

A disciplina de Arte está vinculada à Base Nacional Comum e é ofertada no segundo ano do curso de Administração e 4º anos dos demais cursos ofertados na escola. No ano de 2017 a disciplina Arte foi ofertada nos cursos de Administração (02 classes), Análises Clínicas (01 classe), Enfermagem (01 classe) e Edificações (01 classe).

A Educação Profissional, além de competências, conteúdos e princípios pedagógicos no Ensino Médio, deve considerar os princípios de interdisciplinaridade e contextualização adotadas como estruturadoras dos demais competentes curriculares.

Espera-se que através desta integração entre as diferentes áreas do saber é que o educando diversificará, construirá e ampliará seus saberes. Quando se trata dos processos de ensino, a contextualização torna-se imprescindível, pois é uma forma de adequar os conteúdos às características regionais, locais e da vida dos estudantes.

Atualmente, esse estabelecimento de ensino oferece, para os turnos matutino e vespertino, os cursos técnicos em Administração, Edificações, Enfermagem, Sistemas de Energia Renovável, Meio Ambiente e Análises Clínicas. Todos eles são ofertados de acordo com a demanda local, havendo ano a ano a rotatividade dos mesmos.

O curso mais antigo e que sempre foi ofertado é o de Administração devido a procura e absorção do concluinte no mercado de trabalho e a possibilidade de continuidade no ensino Superior nas Universidades Públicas e faculdades particulares da região. Em 2010, no primeiro ano após a transformação em Educação Profissional foram ofertados os seguintes cursos: Técnico em Administração, Mineração, Agroecologia e Enfermagem para o diurno, modalidade EPI.

Em 2014 foram ofertados os cursos técnicos: Administração, Análises Clínicas, Mineração, Enfermagem, Agroecologia e Edificações. Já em 2016 foram ofertados os cursos de: Administração, Sistema de Energia Renovável, Controle Ambiental, Edificações, Geologia, Análises Clínicas e Enfermagem.

A referida escola está situada na Avenida Anísio Teixeira, S|N no centro da cidade. Atende jovens entre 14 e 16 anos e adultos. Em 2017 contava com 786 estudantes distribuídas em três turnos. Eram 10 classes no turno matutino, 10 classes no vespertino e 13 classes no noturno.

Essa Unidade de Ensino possui quatro pavimentos, sendo o térreo composto por 10 salas de aula, administração, cantina, pátio coberto e biblioteca. No primeiro andar há 10 salas de aula, laboratórios de Informática e Biologia. O segundo andar é formado por 10 salas de aula, sala de TV e laboratório de Geologia. No último andar, há três salas de aula e duas pequenas salas de apoio. Em todos os pavimentos há banheiros para estudantes, professores e portadores de necessidades especiais.

Imagem 02 – Fachada da Unidade de Ensino, CETEP de Caetité. A escola: Localização do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo em Caetité/Bahia.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: Ana Teixeira Duarte. 2017.

Na Unidade de Ensino, CETEP de Caetité, houve o espaço adequado para o desenvolvimento da pesquisa porque havia laboratório de Informática conectado, possuindo 24 computadores. Na biblioteca, havia também, 08 computadores conectados à *Web*. Vale salientar que os educandos possuem aparelhos digitais, como celular digital. O acesso à internet foi possível por que houve sinal de *Wifi* disponível na biblioteca, local na qual a atividade se desenvolveu.

A unidade de Ensino conta com um quadro de professores, gestoras, merendeira, auxiliares administrativos e auxiliares de limpeza. A equipe gestora estava composta pela diretora, 03 vice-diretoras e 01 coordenadora pedagógica. A diretora é formada em Letras e

possui pós-graduação. A diretora atua em 10 turnos, enquanto os vice-diretores são licenciados e atuam em 08 turnos diversificados.

O corpo docente do CETEP de Caetité estava formado por 54 professores, com nível superior, atuando em disciplinas do núcleo comum, específicas e de preparação para o trabalho nas quatro séries de cada curso da modalidade Educação Profissional Integrada – EPI. A totalidade de professores da escola possui nível superior e 14 com a segunda graduação. A maioria possuía especialização *latu sensu* na área de Educação e 07 com especialização *strictu sensu*, Mestrado, concluído ou em andamento.

A forma de ingresso desses profissionais na rede estadual foi o concurso público, havendo os efetivos e os contratados através de Regime Especial de Direito Administrativo - REDA. Os professores efetivos são licenciados, enquanto aqueles que atuam nas disciplinas específicas e de preparação para o trabalho são bacharéis com contrato REDA.

5. 6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa envolveu a participação de estudantes com idade entre 14 a 19 anos, e por esse motivo precisou-se observar os aspectos éticos relacionados a Seres Humanos. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida em conformidade com a Resolução No 466 de 2012 e a Resolução No 510 de 2016 do Comitê de Ética em Pesquisa – CONEP. Essas resoluções orientam que pesquisas envolvendo Seres Humanos deverão ser apreciadas por um Comitê de Ética em Pesquisa – CEP.

O trabalho do pesquisador deve ter como base o pleno exercício dos direitos dos participantes, portanto deverá assegurar-lhes respeito e proteção. Conforme a regulamentação vigente na Resolução No 510/2016 “a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes” (CONEP, 2016, p. 1).

A ética na pesquisa propõe ao pesquisador refletir sobre a forma de garantir beneficência aos participantes. No caso dessa pesquisa pode ser identificada na oferta de novos conhecimentos, no manuseio de mídias, na montagem de vídeo, além de refletir sobre aspectos relacionados a novas aprendizagens. Para tanto, foi garantido aos participantes, procedimentos éticos de confiabilidade, privacidade e autonomia em relação à livre participação na pesquisa.

O pesquisador mencionou aos participantes, os objetivos, a justificativa e a metodologia, a fim de que não houvesse conflito e dúvida no que diz respeito aos aspectos

éticos que garantiam a participação e o sigilo das informações, ou o direito à desistência a qualquer tempo.

Embora houvesse um conflito ético nessa pesquisa, pois a mesma foi aplicada pela professora que ministra aula de Arte para os alunos do curso de Administração, o risco foi minimizado, pois a participação da pesquisa não seria obrigatória, tampouco seria atribuída nota aos estudantes. Além desse aspecto, seria garantida a participação de estudantes de outros cursos que desejassem integrar-se à pesquisa.

Caso algum aluno não quisesse participar da pesquisa não obteria prejuízo e poderá desistir a qualquer momento não havendo prejuízo na aprendizagem ou na atribuição da nota.

Além dos requisitos citados anteriormente, foram garantidos sigilo e privacidade das informações e imagens. Como a pesquisa foi de intervenção, o crédito das fotografias realizadas foi atribuído ao aluno que produziu a fotografia e também foi garantido o direito de uso de imagem a quaisquer usos que o mesmo desejar. Os vídeos produzidos foram de autoria coletiva atribuída à turma e estão disponibilizados como produto da pesquisa.

As informações e os produtos gerados na pesquisa estão armazenadas e disponibilizadas para finalidades acadêmicas ou cientificas, como promoção de debates em seminários, congressos, feiras, concursos fotográficos, de vídeos ou outros. Os pais ou responsáveis pelos estudantes também poderão ter acesso a essas quando solicitado.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento que guarda as autorizações dos participantes da pesquisa. Para isso, os mesmos deverão conheceram o documento, fizeram a leitura dos objetivos e metodologia da pesquisa, analisaram se estão de acordo e assinaram, concordando com a pesquisa.

O TCLE gaantiu relação de confiança entre as partes, sem prejuízo para o participante. Essa informação está expressa no Artigo IV, Capítulo do Processo de Consentimento Livre e Esclarecido:

> O processo de consentimento e do assentimento livre e esclarecido envolve o estabelecimento de relação de confiança entre pesquisador e participantes, continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, podendo ser obtido o registro em qualquer das fases de execução da pesquisa, bem como retirado a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante (RESOLUÇÃO No 510, 2016, p. 05).

Houve também o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, assinado com vistas a garantir a participação dos estudantes. Através desse documento, os participantes

foram protegidos, garantindo privacidade, anonimato e preservação da identidade. Ainda foram observados os seguintes Termos: Termos de Anuência, o Termo de Uso da Imagem da Escola e o Termo de Uso de Imagens dos Jovens. O termo de anuência significa a permissão para a realização de algo. Já os termos de uso de imagem da escola e dos estudantes, significa que houve permissão do uso da imagem da escola e dos participantes da pesquisa, sem fins lucrativos, apenas para uso didático.

Esse projeto, juntamente com os documentos exigidos foram encaminhados ao Comitê de Ética em Pesquisa – CONEP, através da Plataforma Brasil, a fim de que fossem julgados os aspectos éticos dessa pesquisa.

5. 7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A pesquisa em questão trouxe como produtos as fotografias, os vídeos e os desenhos. Somente as imagens fotográficas serão objetos de análise. Os vídeos e os desenhos não foram analisados, mas são de extrema importância para compor os objetivos propostos pela pesquisa.

Os procedimentos para a análise das imagens fotográficas deram-se a partir de aspectos objetivos e subjetivos apresentados por pesquisadores da área cultural como: Panosksky (1979), Ferrara (2001), Barthes (2005), Santaella (2012).

Os espectadores buscam as múltiplas interpretações para as fotografias, quer sejam como comunicação visual, artística ou informativa. Quando se realiza essas interpretações, se faz dentro de uma cultura e é nesse meio cultural que se busca os sentidos para a compreensão e deleite das informações ali contidas. Ler, nesse sentido, significa buscar um sentido para essas imagens.

Estudiosos nos apresentam que não se lê apenas um texto verbal, mas textos imagéticos. Panosksky (1979) nos diz que toda imagem apresenta uma função e um conteúdo. Além de serem figurativas, são narrativas. Igualmente, Ferrara (2001), Barthes (2005) e Santaella (2012) nos apresentam essa possibilidade.

A fim de realizar a leitura de imagem, Ferrara (2001), também nos apresenta uma reflexão. A autora faz uma comparação entre os modos de ler um texto verbal e um texto não verbal. A leitura verbal está relacionada ao encadeamento lógico de estruturas físicas do texto e aprende-se a ler quando se tem o domínio dessa estrutura. Já o texto não verbal é diferente, apresenta uma maneira própria de ler, envolvendo visão.

Segundo Ferrara (2001), para se ler um texto não verbal é necessário estabelecer um modo de ler. Esse modo de ler se reconfigura e requalifica a cada nova leitura, e aquilo que se vê no objeto lido é resultado do que se vê no objeto, além de informações e experiências emocionais e culturais. Portanto, o objeto não verbal quando lido resulta naquilo que já foi experienciado pelo leitor.

Santaella (2012) apresenta que para haver a compreensão de uma fotografia é necessário perceber que diante da mesma o espectador utiliza-se de seu sentimento e busca uma unidade melódica a partir dos elementos constitutivos e presente nas fotos: "Assim, uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar" (SANTAELLA, 2012, p. 80).

Igualmente Barthes fala dessa relação pessoal com a foto que ele denominou de animação. Animar seria ter uma relação com a foto que envolvesse sentimento. Ver, sentir, notar, olhar e pensar levam o espectador a buscar o que há na imagem.

As fotografias, segundo Barthes (1980; 2005), apresentam mensagens que podem ser denotativas e conotativas. O sentido denotativo está relacionado ao *studium.* O *studium* numa fotografia é algo que vem informar e comunicar ao *Spectador* sobre aquilo que se apresenta naturalmente a imagem e é da ordem do gosto. Já o sentido conotativo é expresso pela maneira como a "sociedade dá a ler" (BARTHES, 1980, p. 03). A conotação relaciona ao *punctum*, aquilo que choca e que chama a atenção na imagem.

Os procedimentos de análise dos sentidos das fotografias, realizadas pelos estudantes do CETEP ocorreu a partir da seleção e agrupamento das fotos.

Primeiramente, os estudantes da 2ª série que produziram as fotografias, realizaram a seleção das mesmas e escolheram 15 imagens para análise. Em seguida, foram realizadas pequenas intervenções nas imagens, como recortes e ajustes de cores. Dando continuidade, os educandos nomearam as fotos seguindo os conhecimentos adquiridos na formação e relacionados aos festejos, como cultura e história.

As denominações foram as seguintes: Imagem 03- Indígenas baianos; Imagem 04 – Fanfarra vermelha; Imagem 05 – Carro de bois; Imagem 06 – Participação das Forças Armadas Brasileiras; Imagem 07 - Baianas; Imagem 08 – Batalhão dos Periquitos; Imagem 09 –Vaqueiros, tradição do sertão; Imagem 10 – Ordem *Demolay;* Imagem 11 – O 02 de Julho e a participação do povo; Imagem 12 - Respeito à diversidade; Imagem 13- Bandeiras, símbolos da independência e da cultura; Imagem 14 - A representação da Família Real;

Imagem 15 – A luta pela liberdade na atualidade; Imagem 16 - Fanfara azul; Imagem 17 – Joana Angélica, a força da mulher baiana.

As imagens fotográficas realizadas pelos estudantes de Administração em julho de 2017 foram colocadas à leitura pelos alunos de outras classes do CETEP que não se envolveram na realização das fotografias. De uma totalidade de 50 fotografias selecionadas, 15 fotografias foram impressas para exposição e apresentadas para leitura pelos estudantes de duas classes do curso de Administração do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo - CETEP, uma do primeiro ano e outra do quarto ano.

As fotografias foram apresentadas aos estudantes convidados e estes, sentados em dupla, podiam escolher a foto a ser analisada. As fotos impressas foram afixadas no quadro, mas os estudantes recebiam uma menor e procediam à leitura dizendo livremente o que a imagem apresentava. As respostas das duas duplas foram registradas de modo que ao final foi possível construir narrativas e informações baseadas nas propostas de leitura dos autores.

Imagem 03 – Indígenas baianos.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Na imagem 03, denominada de “Indígenas baianos”, o aluno da dupla 01 nos diz que o fotografo traz as costas de dois índios masculinos em primeiro plano e o artefato que o menino da direita está usando o identifica quanto a sua aldeia. No segundo plano, em profundidade, está uma mulher chamando a atenção do observador, pois mostra um momento de ritual indígena, algo da cultura. Apesar da relação de identidade e cultura mantidas, nota-se

que “os homens usam short e tanga, um contraste para o povo indígena”, assim nos afirma a dupla.

A segunda dupla a analisar essa foto refere-se a mesma como um momento de um ritual indígena relativo aos momentos culturais e tradicionais. A imagem retrata a cultura indígena em um momento de ritual na qual eles fazem para simbolizar algo. “Eles fazem esses rituais por influencias dos seus antepassados, seguindo sua tradição”.

Imagem 04 – Fanfarra Vermelha.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Na imagem 04, intitulada “Fanfarra Vermelha”, há uma banda marcial em trajes típicos. Os estudantes da dupla 01 citam a participação dessas bandas marciais, todos os anos no município de Caetité, por ocasião do desfile do 02de Julho. Os integrantes usam roupas e adereços com cores fortes para chamar a atenção. A dupla 02 menciona a provável apresentação num desfile cívico, demonstrando a cultura local e destacando as cores fortes das roupas. O tambor chama a atenção: “O tambor furado que aparece na imagem dá uma impressão de intensidade nos sons ou raiva ao manejar o instrumento”. Nesse momento, percebe-se que há um aspecto subjetivo que chama a atenção e não está na foto.

Imagem 05 – Carros de boi.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Na Imagem 05, intitulada “Carros de boi” os estudantes falam da participação do carro de boi no desfile do 02 de Julho em Caetité. Citam também o aspecto cultural, pois tanto a presença do carro como a forma de ornamentá-lo, folhas de coqueiros da região, remontam à cultura local: “carros de boi enfeitados com palhas de coqueiros” (dupla 01) e “O carro de boi, por exemplo, mostra que mesmo com as novas inovações dos carros a combustível, a cultura não deixou de existir” (dupla 02). Como nos Afirma Barthes (2005), uma fotografia é analisada dentro de uma cultura, por isso a identificação com a cultura regional.

Imagem 06- Participação das Forças Armadas brasileiras.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Nessa foto há a presença de grupos que compõem as Forças Armadas, como: militar, marinha e bombeiros. Novamente a comemoração do 02 de julho é mencionado pelas duplas. Na Imagem 06, “Participação das Forças Armadas Brasileiras”, os estudantes fazem uma descrição dos grupos de soldados que desfilam e falam da presença das Forças Armadas no desfile. Igualmente citam a participação das pessoas em frente a um prédio histórico, a igreja de São Benedito. O envolvimento das pessoas no evento demonstra a popularidade da festa.

Imagem 07 – Baianas.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Na foto há baianas desfilando em roupas típicas e ritualísticas pelas ruas e avenidas da cidade. Nessa imagem as duplas falam da presença das baianas no desfile cívico. A presença das raízes culturais e religiosas africanas. Como podemos notar na citação da dupla 01: “Nela estão representadas diversas baianas com suas roupas típicas representando os deuses Orixás. Cada uma delas traz um jarro de flores nas mãos, vestidos longos de renda na cor branca, turbantes sobre suas cabeças e colares de miçangas. Elas têm o papel de representar a cultura africana”. Já a dupla 02 nos diz: “Observamos, também, que as mesmas estão carregando vasos com flores onde estes provavelmente serão oferendas aos Orixás. Chegamos a uma conclusão que as cores das saias das baianas representam os Orixás”. Nota-se que os estudantes fazem referência ao povo africano. A identificação com esses povos, as nossas raízes. Como nos afirma Barthes (2005, p. 87): “A linhagem proporciona uma identidade mais forte, mais interessante que a identidade civil”.

Imagem 08 – Batalhão de Periquitos.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A imagem 08 intitulada “Batalhão dos Periquitos”, uma homenagem ao major Silva Castro, personalidade que lutou pela independência cuja comemoração em Caetité existe em sua homenagem. Segundo as duplas, a foto mostra o comprometimento das pessoas com o desfile cívico, pois há adultos, crianças e adolescentes. Falam da tradição e da participação dos grupos de montarias. O cavalo é um elemento de importância no sertão, no passado como transporte e hoje como lazer. Na atualidade, existem diversos grupos que participam no desfile. As duplas citam as cores verde e amarelo, justamente a cor utilizada pelo Major como vestimenta para os participantes das batalhas.

Imagem 09 – Vaqueiros, tradição do sertão.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A foto mostra um grupo de vaqueiros trajando roupas de couro referentes ao ofício de vaqueiros. Segundo as duplas, essa foto dos vaqueiros revela o comprometimento do homem com a atividade de cuidar do gado na caatinga, por isso a roupa de couro. Esses bravos homens utilizam de roupas específicas, como gibão, calça e chapéus de couro. Os estudantes falam do envolvimento do sertanejo com a Independência da Bahia, demonstrando a coragem e a bravura. Nessa imagem os cavaleiros estão levando a bandeira da Bahia em comemoração ao 02 de Julho.

Imagem 10 – Ordem *Demolay*.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A imagem fotográfica 10, intitulada “Ordem *Demolay* “faz referência a filhos de maçons. Nas reuniões, esses jovens discutem princípios filosóficos para o seu desenvolvimento interior e realiza atividades sociais. A maçonaria é uma sociedade secreta, filosófica, filantrópica e iniciática existente no Brasil desde o período colonial e presente, também, no município de Caetité. Os estudantes mencionaram a história e os símbolos representativos da mesma: “Na foto analisada podemos observar uma filiação maçônica, a Ordem *Demolay,* desfilando com Brasões dos Capítulos da Ordem, sendo um constituído por uma coroa, que é tida como coroa da juventude, nessa coroa possui oito rubis. A foto mostra também um emblema da cavalaria, há uma bandeira com um cruzeiro armado que mostra a pureza, imagens de espadas que significam a fidelidade. Os garotos usam roupas diferentes, sociais, com capas que são uma marca da Ordem *Demolay”.*

Imagem 11 – O 02 de Julho e a participação do povo.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A Imagem fotográfica 11, denominada pelos estudantes de "O 02 de Julho e a participação do povo" mostra que o festejo é uma comemoração à independência da Bahia e o mesmo existe a partir da participação popular. Como afirma a dupla 01: "A imagem mostra pessoas na escada da igreja de São Benedito [...], acompanhando todo o desfile que passa pela rua Barão de Caetité"; já a dupla 02 nos diz "As pessoas de diversas localidades vêm prestigiar essa festa solene". Os estudantes mencionam a festa como comemorativa do 02 de Julho, simbolizando o Independência da Bahia ao se libertar do domínio português.

Imagem 12 – Respeito à diversidade.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Nessa imagem, Imagem fotográfica 12, “Respeito à diversidade”, os estudantes referem-se à liberdade, um conceito abstrato muito discutido na atualidade. Como afirma a dupla 01 “Liberdade, as meninas com braços abertos, usando cores diversas...” Os estudantes trazem a bandeira LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) discutindo e reforçando a ideia da diversidade sexual.

Imagem 13 – Bandeiras, símbolos da independência e da cultura.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A imagem fotográfica 13, “Bandeiras, símbolos da independência e da cultura” apresenta as bandeirolas, ornamentações comuns de festas populares e a bandeira do Império tremulando no alto do mastro. Tanto bandeira quanto bandeirolas são colocadas em momentos festivos e de comemoração. A dupla 01 afirma: “Podemos perceber na imagem algumas bandeiras, provavelmente colocadas na época do 02 de Julho”. Essa bandeira é utilizada porque faz referência ao regimente político da época. A segunda dupla nos diz: “A imagem representa a fotografia da primeira bandeira do Brasil, mostrando como era representada a nossa nacionalidade brasileira”.

Imagem 14 – A representação da Família Real.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A imagem fotográfica 14, “a representação da Família Real” faz alusão ao momento histórico em que o Brasil vivia na época. Ao ser independente, o regimente político passa a ser a monarquia. No desfile esse casal simbolizava o imperador e a imperatriz. Anterior à década de 90, a festa não era organizada pela secretaria municipal, mas por festeiros denominados imperadores. Assim afirma a dupla 01: “um cavaleiro e uma amazona apresentam ser da realeza, ou seja, retratam personagens históricos”. Os estudantes apresentam o poder que emanava dos reis no período: “O príncipe e a princesa montados a cavalo, desfilando por suas terras, demonstrando beleza, poder e segurança a seu povo”.

Imagem 15 – A luta pela liberdade na atualidade.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A imagem fotográfica 15, “A luta pela liberdade na atualidade” nos mostra jovens desfilando pelas ruas da cidade trajando roupas coloridas e leves, dando a ideia de leveza e harmonia. Os estudantes relacionaram as cores à diversidade cultural encontrada no Brasil. A dupla 01 nos diz: “diversificadas cores que representam a diversidade da cultura brasileira”. Os leitores também atribuem a diversidade de cores às múltiplas escolhas, como religião, gênero e etc. A dupla 02 afirma: “Os personagens ao meu ver estão relacionados ao movimento LGBT”.

Imagem 16 – Fanfara Azul

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

A imagem 16, “Fanfara azul”, mostra a alegria das festas populares, representando a cultura nesses locais. A dupla 01 assim descreve a foto: “A imagem retrata um desfile mostrando um grupo de jovens caracterizados com trajes em azul com adornos nas vestes. Os jovens levam bandeiras e instrumentos musicais. Em destaque na imagem tem duas pessoas guiando os que seguem. Pela forma em que a imagem retrata dá a entender que estão participando de um desfile cívico”. Continuando, a leitura relaciona a mesma ao momento festivo e cultural em que a cidade se encontra no momento. Como nos afirma a dupla 02:” A imagem relata, sobretudo, a cultura da cidade de Caetité, no desfile do 02 de Julho”.

Imagem 17 – Joana Angélica, a força da mulher baiana.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Essa imagem fotográfica mostra a representação artística de um momento histórico, a participação das mulheres engajadas nos movimentos de independência: Como nos diz a dupla 01: "... a presença de três freiras, entre elas a Irmã Joana Angélica. Estas se disponibilizaram a abrigar os soldados no convento, escondendo-os do exército português, chegando a se prostrar fisicamente diante do convento para impedir a entrada dos soldados portugueses". A imagem mostra a representação do momento, ainda que imaginário. Esses fatos se tornam presentes através das imagens que se criam ao longo da história.

Dando continuidade, o texto a seguir prossegue na análise das imagens fotográfica. Nesse momento, a análise constituirá de aspectos técnicos da imagem.

Manini (2002) nos apresenta a possibilidade de leitura da fotografia, afirmando ser mais fácil de ser lida que a palavra porque a imagem fotográfica imita, representa e copia as atitudes e gestos do ser humano. O ser humano antes de falar e escrever já usava os movimentos e gestos. Portanto, a imagem é a projeção de algo, enquanto a linguagem é algo convencional.

A autora em seus estudos e pesquisa apresenta-nos a análise de fotografia numa perspectiva documental. Para isso, utiliza da descrição para indexação e construção de resumos no tocante à recepção de imagens. Os itens QUEM, COMO, ONDE e QUANDO serão submetidos aos conceitos propostos por Shatford (1984 *apud* MANINI, 2002),

pensando no conteúdo genérico, específico e significativo da imagem na modalidade Dimensão Expressiva. Considerando que essa pesquisa não se prende aos aspectos documentais utilizamos a Dimensão Expressiva para buscar informações quanto aos aspectos técnicos da fotografia.

Ainda segundo Smiti (1996 *apud* MANINI, 2002), quando se faz a análise de uma imagem é relevante considerar o conteúdo informacional e a Dimensão Expressiva. O conteúdo informacional está ligado ao referente e a Dimensão Expressiva - DE é a parte da imagem fotográfica relacionada à técnica, é a aparência física através qual se expressa o conteúdo informacional. Nesta pesquisa está relacionada à composição, como: enquadramento, linhas, cores, perspectiva, textura, simetria/assimetria. Nessa pesquisa, analisamos o uso da perspectiva nas imagens fotográficas.

O que faz uma foto ser diferente entre outras tantas existentes é a composição. Uma composição fotográfica é a organização dos elementos dentro da área a ser fotografada e permite que a imagem seja comunicativa e agradável de se ver. É necessário que haja planejamento por quem vai realizar a fotografia antes de clicar no dispositivo fotográfico.

Especificamente, foram trabalhadas com os estudantes as seguintes técnicas para serem utilizadas na composição da fotografia, como: regras dos terços, simetria, luminosidade, perspectiva a fim de aplicar nas fotos no 02 de Julho de Caetité-BA.

Como se percebe, a fotografia utiliza das referências presentes na pintura, como o enquadramento e a perspectiva. Segundo Benjamim (1987), a imagem fotográfica começa a desenvolver a partir da pintura renascentista quando da experiência da câmara escura de Leonardo da Vinci. A experiência de Da Vinci revelou que era possível através de um orifício, num quarto escuro, projetar a imagem invertida que estivesse em frente ao mesmo.

Esse princípio segue as mesmas regras da perspectiva em que a partir de um ponto de vista fixo “registra-se a imagem por meio da relação entre a aparência da realidade do objeto e a impressão das imagens visíveis”. (NEIVA JR., 1996, p. 61)

Ainda na atualidade as fotografias são organizadas a partir da visão artística clássica. Nesse procedimento artístico, o artista desenha a cena como se estivesse diante de uma porta aberta e a partir daí tem uma visão imóvel em relação à distância no espaço e nos objetos representados através de leis matemáticas.

Conforme a análise da Dimensão Expressiva (MANINI, 2002), os estudantes organizaram as fotos usando a perspectiva, como nas imagens a seguir:

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

5. 8 RESULTADOS

5.8.1 Narrativas da festa popular do 02de Julho de Caetité/Bahia

As imagens analisadas pelos estudantes trouxeram informações sobre o momento que foi registrado por eles. As imagens não ficaram guardadas, mas foram colocadas para leituras. Essas informações advindas dessas imagens constituem narrações.

Considerando que as fotografias foram lidas por estudantes de Caetité e municípios vizinhos percebeu-se a familiaridade com o festejo de 02 de julho. Sendo assim, os estudantes classificaram as imagens como pertencentes ao evento que ocorre anualmente no município de Caetité-BA. Da totalidade de 30 leituras realizadas, 18 delas fizeram referência a essa data comemorativa da região.

Percebemos a associação que os estudantes fizeram entre a festa comemorativa do 02 de Julho e a cultura. Destacamos que expressões como “cultura regional, cultura local, cultura brasileira, cultura indígena, cultura africana estavam presentes em suas leituras. Barthes (2005) nos chama a atenção sobre esses primeiros elementos a serem analisados numa fotografia, que são os elementos culturais e políticos, denominados por ele de *studium*. Os alunos associaram o festejo ao momento cultural vivenciado por eles.

As fotos nos levam às lembranças da história. A fotografia é o registro de um momento que é eternizado através da imagem. Embora a mesma não corresponda a uma verdade absoluta, mas a uma verdade criada a partir do ponto de vista de quem organizou a apresentação histórica sobre o momento em que ocorreu o fato real. Elementos que faziam parte da história do Brasil foram representados, como o rei e rainha, simbolizando o regime

político a que o Brasil se tornara naquele momento. A presença das freiras, dos cavaleiros e dos sertanejos lembram esses habitantes que foram ou participaram das lutas.

Os estudantes citam representações de fatos históricos que ocorreram num dado momento e que hoje fazem parte da história, como a Independência da Bahia ao se libertar o Brasil do domínio português. O desfile traz povos que marcaram a participação no evento, mas que sofreram ou sofrem exclusão social durante anos no Brasil, como indígenas e descendentes de africanos aqui dessa região.

As imagens fotográficas suscitam leituras da realidade do momento ao qual vivenciamos, destacando as inquietudes, as insatisfações, as indiferenças. Como nos afirma Barthes (2005, p. 81): "A foto vem interpelar cada um de nós, um por um, fora de toda generalidade". Os problemas sociais atuais foram colocados no desfile e suscitaram leituras e reflexões sobre os grupos minoritárias da atualidade, mas que devem ser respeitados pela sociedade: questões de gênero, etnia, diversidade de religiões, cultura diversificada.

Mas as leituras de imagens, especificamente as fotográficas explicitam *punctum*. O *punctum* é algo que nos toca, nos encanta. "O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere" (Barthes, 2005, p.29). O *punctum* é essa alguma coisa que dá um estalo e provoca um pequeno abalo em quem está observando a foto; é também aquilo que se acrescenta à foto, mas que já está nela.

Imagens 18 - *Punctum*

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Um dos *punctuns* apontados refere-se a presença de indígenas no cortejo trajando de modo sobreposto bermuda e tanga. Outro *punctum* apresentado na leitura de imagens diz respeito ao contraste entre a alegria festiva do cortejo e a desmotivação de integrantes de uma banda marcial, associada à presença de instrumento de percussão danificado. Aqui o *punctum* também emerge de um procedimento de contraste entre a expectativa de uma festa popular e

tudo que ela suscita de inusitado e a desmotivação de alguns participantes ao protagonizarem a festa.

Imagem 19 – Mulheres em um grupo de montaria.

Fonte: Imagem fotográfica. Autoria: estudantes da Educação Básica que participaram da pesquisa, 2017.

Destaca-se um outro *punctum* ao referir-se a uma das mulheres de um grupo de montaria. Dentre os presentes, apenas a mulher usa óculos escuros. Um contraste com as demais pessoas que não estão usando. Óculos escuros estão associados a dia de sol, mas pode não ser exatamente isso e ser um olho inflamado, machucado ou irritado que precisa dessa proteção. Assim afirma Barthes (2005, p. 41): "a leitura de um *punctum é* curta e ativa, encolhida como uma fera".

A fotografia como nos afirma Barthes (2005) é a afirmação de um instante, pois mais breve que seja esse momento, encontra-se diante do olho a coisa real. Assim, uma fotografia não diz, mas ela dá a ver o momento. Esse momento não existe mais, mas existem vestígios que comprovam esse instante do 02 de julho de 2017. Um evento dentre outros que ocorreu desde o século XIX e aqueles que poderão ainda ocorrer.

5. 9 PRODUTO

Através das ações desenvolvidas pela pesquisa A *fotografia digital e o ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: narrativas da festa popular do 02 de Julho no município de Caetité/Bahia* obteve-se os seguintes produtos dessa pesquisa: fotografias, vídeos e desenhos.

Na manhã do 02 de julho de 2017, os estudantes do curso de Administração do Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo munidos de câmera ou celular digital realizaram as fotografias do desfile cívico pela comemoração da Independência da Bahia. Os estudantes produziram aproximadamente 100 fotografias utilizando dispositivo digital. Dessa totalidade, 15 imagens foram colocadas à leitura por outros estudantes, o que resultou nas narrativas sobre o festejo.

A fotografia apresenta uma importância ímpar para as pessoas, pois congela para sempre determinadas cenas que nunca mais se repetirão. Como nos afirma Barthes (1980, p. 13), "O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanismos que nunca mais poderá repetir-se existencialmente". Essa informação faz da fotografia algo envolvente para todos, principalmente os jovens que nasceram nos anos finais do século XX e início do XXI, possuem celulares digitais e vivem conectados.

Dando continuidade, houve a organização dos vídeos, utilizando as imagens fotográficas selecionadas. O procedimento de edição para os vídeos consistiu em utilizar de um editor. Para a composição, foram utilizadas as imagens pré-selecionadas, a música e a narração. A música foi um trecho do hino ao *02 de Julho*. Os estudantes, após orientação, estavam livres para composição. Para tanto, compuseram vídeos de curta duração numa modalidade documentária. Essa é uma narrativa audiovisual em que há os registros de uma realidade. Os vídeos foram produzidos por equipes, utilizando os computadores da biblioteca da escola e os próprios celulares.

Os vídeos de curta duração, aproximadamente 5 minutos cada um, contém pequenas narrativas e imagens. A quantidade de fotos para cada vídeo ficou a critério das equipes, assim também como a narrativa e a edição. Os estudantes escreveram o roteiro a ser utilizado e usaram programas conhecidos por eles e disponíveis para tal fim. Esse trabalho foi colaborativo, pois os educandos foram trocando ideias e se ajudando mutuamente. Nesse momento houve a ajuda de colegas de outras classes da escola.

A pesquisa trouxe como resultado a criação de desenhos livres utilizando software de desenho gráfico. Através de uma formação, os estudantes puderam colocar em prática a possibilidade de utilizar de software para realizar desenhos livres figurativos ou abstratos. Os desenhos podem ser utilizados para fins pedagógicos ou outros, como os comerciais, considerando que são do curso de Administração. Não se pretendeu oferecer um curso completo, mas possibilidade de desenhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que deu origem a essa pesquisa começou no início do curso de Mestrado. Muitos conceitos tornaram-se conhecidos e foram apropriados no decorrer do tempo. Esse foi um período de muitas descobertas e aprendizagens. No entanto, a experiência em trabalhos com os estudantes vem da sala de aula já que atuo como professora da Educação Básica, o que confirma a necessidade e importância da pesquisa na educação.

A pesquisa aplicada foi realizada no Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo – CETEP de Caetité/Bahia com estudantes do Ensino Médio do curso de Administração. As primeiras investigações que foram realizadas junto aos estudantes possibilitaram confirmar o uso de tecnologias digitais, como os celulares em suas atividades do cotidiano como enviar e receber mensagens, realizar fotos e consultar textos.

Tomando por base as questões citadas anteriormente fez-se necessário apropriar-se desses meios para utilizá-los nas aulas de Arte a fim de que os estudantes pudessem construir conhecimento através de atividades práticas. A pesquisa apoiada num projeto de intervenção produziu novas formas de ensinar e aprender Arte mediadas pelas tecnologias digitais.

O uso das tecnologias digitais pelos estudantes tem tido um acelerado crescimento, principalmente nos últimos anos. As fotografias, os vídeos e os desenhos permitiram perceber que as mesmas representam potencialidades para usos pedagógicos. Logo, são aliadas do processo criativo, possibilitando transformar os modos de ensinar e aprender.

Atendendo ao que foi proposto pela pesquisa, os estudantes após momento formativo na escola deveriam utilizar desse dispositivo para produzir imagens fotográficas de uma festa popular da cidade. No dia combinado, 02 de Julho, feriado estadual, lá estavam eles às 7 horas da manhã para sairmos em busca das imagens. Os estudantes produziram aproximadamente 100 fotografias utilizando o dispositivo digital.

O envolvimento dos estudantes com a atividade foi significativo. Fatos como o 02 de Julho ser um feriado, os estudantes residirem distantes e depender do transporte escolar não interferiram no desenvolvimento da atividade. Em nenhum momento os educandos demonstraram desânimo e participaram ativamente das formações, do momento de fotografia, dos desenhos, da execução dos vídeos e da divulgação.

As imagens fotográficas foram selecionadas e organizadas pelos estudantes, em equipe, para produção de vídeos de curta duração. Esses cinco vídeos, organizados a partir das imagens fotográficas foram divulgadas na Unidade de Ensino e numa escola municipal da cidade. Percebemos que houve aprendizagem porque durante a exposição das mesmas os

alunos falaram sobre o momento histórico do 02 de Julho vivenciados por eles através das representações dos quadros do desfile.

Além dos fatos históricos, a realização da pesquisa oportunizou estudantes a desenvolver conhecimento dos fatos relacionados à história local, como a participação da mulher e sertanejos nas lutas pela Independência. A pesquisa também aproximou os estudantes de conceitos e narrativas sobre grupos que fazem parte da sociedade, como maçonaria e escoteiros. Além do mais fez com que os estudantes refletissem sobre o tema desenvolvido no ano de 2017 que foi *Respeito à diversidade e apreço à tolerância.*

Gatti (2012) relaciona a pesquisa ao conhecimento, pois a mesma traz uma reflexão sobre dada situação. Mas ao referir-se à educação apresenta características específicas porque se trata de seres humanos, particularmente nos seus momentos cotidianos.

A autora salienta que a presença e expansão da pesquisa na área educacional demonstra a importância que esta tem para a sociedade. A pesquisa alcançou os objetivos pretendidos, pois desenvolveu conhecimentos na área da Arte onde a fotografia foi utilizada para produção de conhecimento, ressignifcou celulares utilizados para agregar conhecimento e potencializou os conhecimentos técnicos que os estudantes possuem em relação aos celulares e que nem sempre são usados para a produção de conhecimento.

Neste ano de 2018, por ocasião do 02 de julho, alunos de outra série que não participaram da pesquisa solicitaram assistir a um dos vídeos produzidos pelos colegas. Os educandos discutiram o conteúdo contido nos mesmos e demonstraram que essas produções dos estudantes trouxeram conhecimento e possibilitaram aprendizagens. Presenciamos nesse ano de 2018 a participação de desses alunos utilizando imagens do 02 de julho e desenho no Projeto estruturante da Secretaria Estadual de Educação, o Projeto Educação Patrimonial e Artística: EPA.

As imagens foram colocadas para leitura pelos estudantes de outras classes da escola que não participaram da pesquisa. Quando procedemos à leitura de imagens mediante os aspectos objetivos e subjetivos percebemos que as subjetividades constituíram resultados reduzidos. Considerando propostas defendidas pelos estudiosos de Arte/Educaação, como Barbosa (2010/14), o ensino de Arte consiste na inter-relação entre o fazer, ler e contextualizar numa perspectiva histórica, social, cultural e antropológica, sentimos que há necessidade da efetivação desses ensinamentos nas aulas de Arte. As escolas necessitam propor aos estudantes a leitura de imagens, como as fotografias.

A pesquisa levou a refletir sobre o perfil do profissional da área de educação. A contemporaneidade, mediante as evoluções das tecnologias propõe novas formas de ensinar e

aprender. O estudante aprende quando alia a teoria à prática. O conhecimento não deve concentrar-se apenas no campo teórico, mas aliar-se à prática.

Para finalizar, confirmo a importância que essa pesquisa apresentou para os meus conhecimentos e para a minha vida profissional porque esteve diretamente ligada à prática de sala de aula. Esse estudo nos levou a considerar que pesquisa e educação não devem ser dissociadas, pois são elementos indispensáveis para o fortalecimento, desenvolvimento e mudanças no campo educacional.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Valéria Metroski. **Artes Visuais e Novas Tecnologias na EducaçãoBásica.** Disponíevel em < http:// www.revistasudesc.br/indexwww.revistas.udesc.br/index> Acesso em 05/05/16.

*ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 4ª ed., Campinas: Papirus, 1988.*

APOLLINÁRIO, F**. Dicionário de metododologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola**: o que é como se faz. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Ana Mae. (org.) **Arte/Educação Contemporânea**: consonâncias internacionais. 3 ed – São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: Ana Mae Barbosa (org.). **Arte/Educação contemporânea: consonâncias Internacionais.** Org... São Paulo: Cortez, 2010, p. 98-112.

BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte:** anos 1980 e novos tempos. – 9 ed. rev. – São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. 6ª Ed..1ª impressão. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae & COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da Arte no Brasil**: aspectos históricos e metodológicos - Unesp/Redefor – 2 ed. 2011/2012. In: http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40427

BARROS, Aidil Jesus da Silveira & LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson, 2007.

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Trad. GUIMARÃES, Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Tradução: César Bloom. In: <https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotogrc3a1fica.pdf>. Acesso em dezembro de 2017.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In:___. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1)

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: ____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1)

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a Análise Documental de Fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação**. Lisboa, n. 02, p. 84 – 100, 2006.

BOGDAN, Robert C. Sari & BIKLEN Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação.** Trad. Maria João Sara dos Santos. Coleção Ciência da Educação, Porto: Porto Editora LTDA, 1991.

BRASIL, LDB. **Lei 9394, de 1996** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < www.planalto.gov.br> Acesso em setembro de 2016.

BRASIL. **Lei 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>.Acesso em setembro de 2016.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília, SEF/MEC, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf > Acesso em: 29/04/2017.

BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2006.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **O Ensino de Arte no Início do Século XXI.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. Trad. Jannowitter, Rejane. Coleção Todas as Artes. São Paulo: Martins, 2005.

CROWEL, John W. **Projeto de pesquisa:** Métodos qualitativos, quantitativo e misto. Tradução de Magda França Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Rose M. Maron. **Criatividade e processos cognitivos** – um estudo teórico. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

DOMINGUES, Diana. **Tecnologias**, **produção** artística e **sensibilização dos sentidos**. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). A **educação do Olhar no ensino das artes**. 9 ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DUARTE JR. João Francisco. **Por que Arte-Educação?** 6 ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 1991.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2001.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e**. Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. **Metodologia no ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. **Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Líber Livro Editora, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Edições Liberdade, 1996.

HETKOWSKI, T. M. **Geotecnologia:** como explorar educação cartográfica com as novas gerações? Belo Horizonte: ENDIPE, 2010.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. Tradução: Vinícius Dantas. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, no 12, p. 16-26, 1985.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9ª ed. .Campinas. São Paulo: Papirus, 2012;

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Trad. COSTA, de Carlos Irineu. 3ª ed. 2010. 2ª reimpressão 2014. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. COSTA, Carlos Irineu da. 1ª impressão 1993; São Paulo: Editora 34, 2002.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LOYOLA. Geraldo Freire. Me adiciona.com: ensino de arte+tecnologias contemporâneas+escola pública. **Dissertação de Mestrado**. Belo Horizonte, UFMG, 2009. Disponível em < *www.bibliotecadigital.ufmg.br*> Acesso em abril de 2016.

MANINI, Miriam Paula. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. **Cenário Arquivístico**, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/946>. Acesso em 25/05/2017.

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia: aproximações e distinções. **Revista eletrônica Compós,** 1ª edição. Disponível em: *<e-compós: http://www.compos.org.br/e-compos*>. Acesso em abril de 2017.

MARCCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MASETTO, MARCOS Tarcísio. BEHRENS, Marilda e MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 19ª Edição; Campinas. São Paulo: Papirus, 2011.

MENDES, Bartolomeu de Jesus. **Caetité**: a terra, a cultura. Gráfica e Papelaria Caetité, 1996.

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica:** conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAN, José Manuel. Formação para Educadores: formação de educadores inovadores para uma nova escola. PGM 3, **Boletim 18: Educação digital das informações e da comunicação.** Ano XVIII- Salto para o futuro| TV Escola. Set. /Out. 2008.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 19 ed.; Campinas. São Paulo: Papirus, 2011.

NEIVA JR., Eduardo. **A imagem**. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

OSTROWER, Fayga. **A Criatividade na Educação.** In: PEREIRA, Maria de Lourdes Máder. FUNARTE: Rio de Janeiro, 1981.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** Tradução de Maria Clara F. Kneese e J.Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

PLAZA, Júlio. As imagens de terceira geração, técno-poéticas. In: PARENTE, André (Org.). **Imagem máquina**: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 72-88.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. Três paradigmas da imagem: gradações e misturas. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei alves de; BRITO, Yvana Carla Fechine de (Org.). **Imagens técnicas**. São Paulo: Hacker Editores, 1998. p. 167-178.

SANTOS, Jair F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense,1986.

SAUNDERS, Robert. **A Educação Criadora nas Artes**. In ARTE 10, São Paulo, 3 (10): 18-23,1984.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Brasiliense. 1995.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea.** Tradução: Constância Egrejas. São Paulo: Editora Senac, 2005.

Universidade Federal da Paraíba. **Projeto Design Internacional para uma Aprendizagem Significativa – DIAS**. Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão.

VILLAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **Pesquisa e Ensino**: considerações e reflexões. Revista e-scrita: revista do curso de Letras da UNIABEU, v. 1, p. 59-74, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 - QUESTIONÁRIO PARA INFORMANTES DA PESQUISA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95 MESTRADO PROFISSIONAL GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO	DEDC - CAMPUS I Departamento de Educação UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA GESTEC Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação

Título: A Fotografia Digital e o Ensino de Arte no Ensino Médio Integrado: diálogos sobre identidade, território e cultura no sertão baiano

Marque com um X a (s) alternativas:

1- De quais meios de comunicação você faz uso?

a) ( ) *Instagram*
b) ( ) *WhatsApp*
c) ( ) *Face book*
d) ( ) *Twiter*
e) ( ) Outros----------

2- O que você produz ou faz com celular digital?

a) ( ) Fotos
b) ( ) Vídeos
c) ( ) Cartões
d) ( ) Animação
e) ( ) História em Quadrinhos
f) ( ) Outros ----------

3- O que você produz ou faz com o computador?

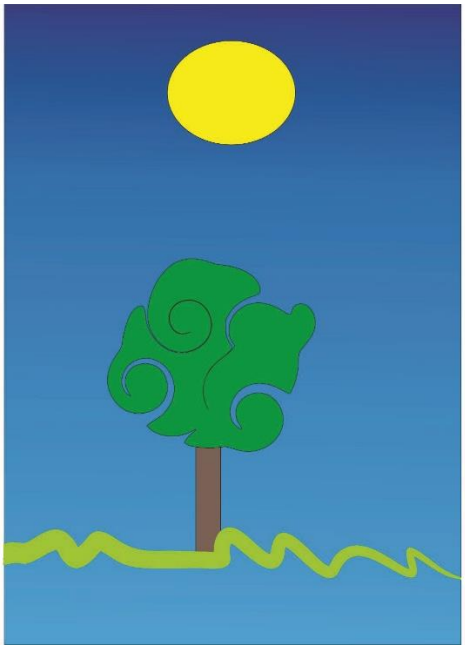
a) ( ) Slides para apresentação de trabalhos escolares
b) ( ) Leituras
c) ( ) Produção e edição de vídeos
d) ( ) Pesquisas para trabalhos escolares
e) ( ) Propagandas
f) ( ) Conversa com parentes e amigos
g) ( ) Assiste vídeos ou filmes
h) ( ) Organiza fotos
i) ( ) Outros----------

4- Quais são os ambientes mais frequentados por você:

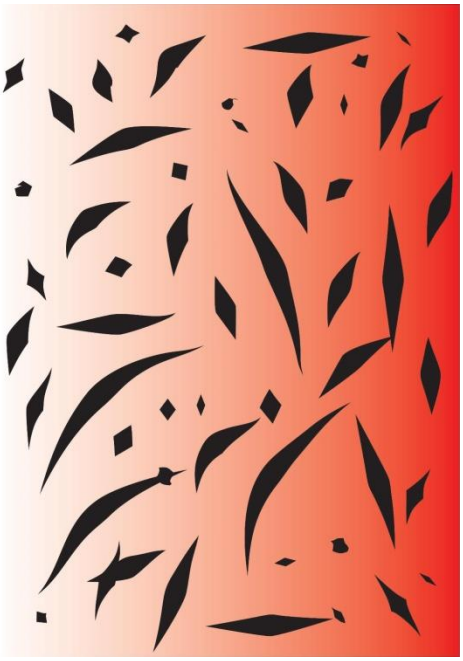
a) ( ) Salas de bate papo
b) ( ) Jogos
c) ( ) Blogs
d) ( ) Sites de pesquisa
e) ( ) Sites de relacionamento
f) ( ) Outros----------

APÊNDICE 02 - DESENHOS

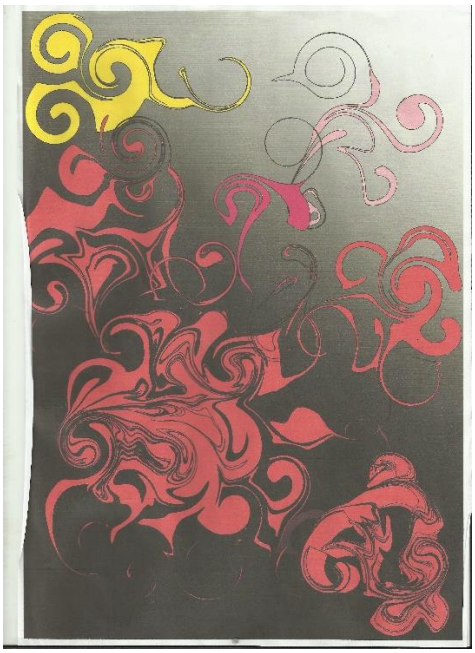
Desenho 01- O nascer do sol.



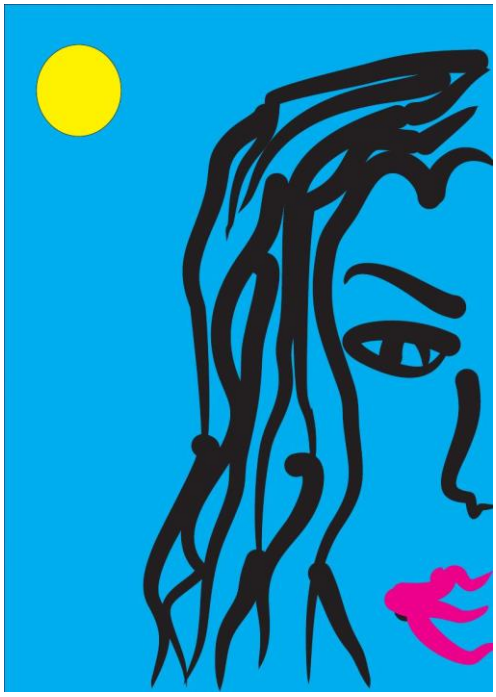
Desenho 02 - Natureza



Desenho 03 – Ideias

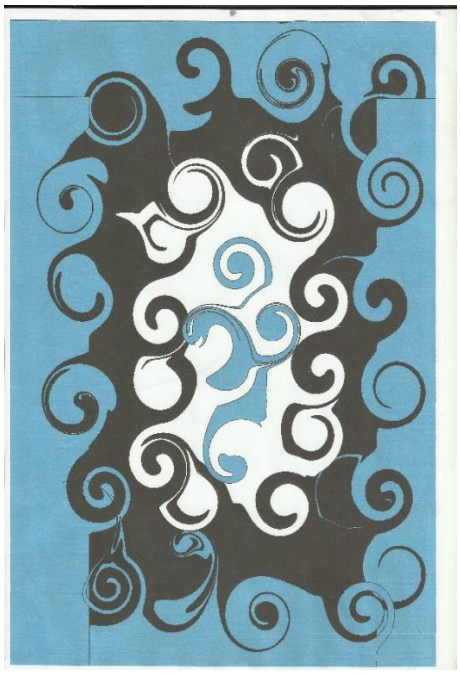


Desenho 04 – Redemoinho de cores

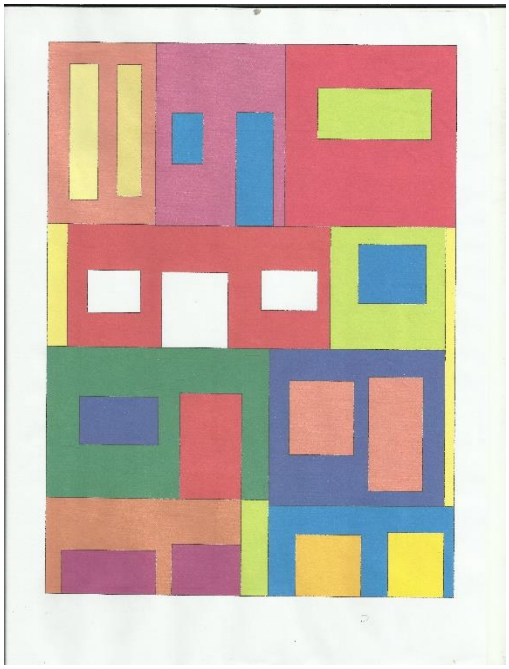


Desenho 05- A morena no paraíso

Desenho 06- Thunay



Desenho 07 – Harmonia



Desenho 08 – Feliz com pouco

APÊNDICE 03 - FOTOGRAFIAS

APÊNDECE 04 – QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO PARA PARTICIPANTES DA PESQUISA.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA– UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I (DEDC I)
MESTRADO PROFISSIONAL GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO - GESTEC

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRAFICO PARA INFORMANTES DA PESQUISA: Tecnologias Digitais e Ensino de Arte na Educação Básica: relações possíveis

Instituição: Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão A
Data: Caetité, de maio de 2017

1. Total de estudantes da 2ª série do curso de Administração, ano 2017, Turno Matutino:
   61 estudantes
2. Idade:

14	15	16	17	18	19	20
01	06	23	24	05	02	00

3. Gênero:

Masculino	Feminino	Outro
19	42	00

4. Os estudantes são residentes em quais municípios?

Caetité - 54 estudantes; Igaporã - 05 estudantes e Lagoa Real - 01 estudante

5. São residentes:

Zona urbana	Zona rural
37	24

6. Residem com quem na cidade que estudam?

Família	Residência Estudantil	Casa de parentes	República de estudantes
54	03	05	02

7. Usam transporte escolar?

Sim	Não
19	39

8. Qual é o tipo de transporte?

Público	Particular
16	03

9. Ano de ingresso no CETEP?

1º ano 2016	1º ano 2015	1º ano antes de 2015
49	08	04

10. Quantos são repentes na segunda série para o ano de 2017? 04

Idades	17 ANOS - 02; 18 ANOS - 01; 019 ANOS - 01
Gênero	Masc. 03 Fem - 01
Município	Caetité
Local	Urbano - 02; Rural - 02
Transporte	Sim - 02 não - 02

Dulce Dilma Oliveira Neves
Vice-Diretora do CETEP
Sertão Produtivo
Autorização Nº 13.023/2016